

A vida e obra de Jules Verne desde a óptica ibero-americana

Mundo *Verne*

Número 8

Novembro - Dezembro de 2008

Edição em português

ISSN: 1996-7454

A ciência nas obras lunares

Especial

Os mil olhos de Tarrieu

A obra de
Secessão



À procura
de... **Verne**

Verne e o
povo **Inca**



Disponível em: <http://jgverne.cmaact.com/Misc/MVActual.htm>

O resumo de um ano de celebrações, viagens no grande ecrã e crítica de arte

Termina 2008 e impõe-se fazer um balanço de matéria verniana.

Neste ano que está a terminar celebramos o 180º aniversário do nascimento do escritor a quem se dedicam estas páginas.

Na minha opinião, o sucesso do ano no que toca a Verne e ao seu universo foi, sem dúvida, a publicação em Setembro e Outubro de uma recompilação de artigos do escritor para a exposição de Paris de 1857.

Dois livros, duas maneiras de ver o material, uma única fonte. Dessa forma podemos catalogar as duas versões que recebemos, primeiro de Bill Butcher e depois de Volker Dehs. O livro sobre o *Salón de 1857* apresenta Verne numa nova faceta nunca antes vista: crítico de arte.

Por outro lado, o *ATV Jules Verne*, veículo da estação espacial internacional cumpriu a sua missão depois de cinco meses no espaço aéreo, levando no seu interior várias edições originais de Hetzel e um mapa do céu desenhado pelo próprio Verne.

Um novo filme baseado em *Viagem ao Centro da Terra* estreou no Verão, com críticas favoráveis, incluindo a de Brian Taves que foi publicada nesta mesma revista.

Em Fevereiro deste ano, lançou-se online, pelas comemorações do seu aniversário, a revista eletrónica *Verniana* com uma publicação anual a partir de colaborações da comunidade.

O seu fundador, Zvi Har'El, morreu poucos dias antes da sua saída para o ciberespaço. A sua perda como a de

outro verniano, Robert Pourvoyeur, constitui algo irreparável desde o ponto de vista humano e investigativo.

No final do ano também apareceu, na Suíça, o *Espaço Jules Verne*, a que se dedicam algumas palavras, de forma especial, neste número da revista.

A comunidade verniana na Internet cresce mais a cada dia e alguns entusiastas animam os fóruns da rede cibernauta. Os exemplos são: Cristian no mundo hispânico, Frederico nos países de língua portuguesa. Sobretudo, satisfaz-me muito ao ver a grande quantidade de jovens que estudam Verne.

Mundo Verne fecha o ano com uma nova secção. Alexandre Tarrieu aceitou, de forma muito amável, publicar na revista a sua secção, *Os mil olhos de Tarrieu*, que apareceu pela primeira vez em 2000, no número 10 (pertencente ao segundo semestre desse próprio ano) da *Revue JV*, que o Centro Internacional Jules Verne edita. Trata-se de uma secção de curiosidades e temas interessantes relativas ao cosmos vernianos e sua criação.

Sem adiantar o nome nem o assunto, informo que Volker, numa entrevista que se publica nesta edição, revelará o nome de um texto inédito de Verne que será, seguramente, gratificante ler um dia.

Mundo Verne e toda a sua comunidade deseja a todos um feliz fim de ano e um próspero 2009! ◆



Sobre a imagem da capa

Extraída do livro *À volta da Lua*. A imagem ilustra o momento em que se resgatam os passageiros do voo lunar logo depois de ter chegado a Terra. Uma bandeira ondulava sobre uma espécie de bóia: é o projétil, que havia regressado à superfície depois de submergir até às profundezas do oceano.

Sumário

Universo verniano	3
A imagem e semelhança	5
Uma viagem ao extraordinário A obra de Secessão	6
Esboços ibero-americianos Verne e o povo dos Incas	10
Influências Ler Verne na escola	14
Terra Verne A ciência na aventura lunar	17
À fala com... À procura de... Verne	20
Os mil olhos de Tarrieu	24
Sem publicação prévia O cerco a Roma. Capítulo 3	25
Cartas gaulesas A Pierre, em outubro de 48	30

© 2008. Mundo Verne.

Revista bimestral em castelhano e português sobre a vida e obra do escritor francês Jules Verne.

Director e desenhador

Ariel Pérez.

Conselho editorial

Ariel Pérez

Cristian A. Tello

Yaikel Águila.

Tradução portuguesa

Frederico Jácome

Carlos Patricio.

Edmar Guirra

Internet

[http://jgverne.cmact.com/Misc/](http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm)

Revista.htm

Correo electrónico

arielpr@gmail.com.

Distribuição gratuita.

Os artigos colocados expressam exclusivamente a opinião dos autores. É permitido copiar, distribuir, mostrar e fazer trabalhos derivados dos materiais que estão nesta revista, sempre que se cite a fonte de onde foi obtida, não se pode retirar material para produzir produtos com fins comerciais e se se fizerem trabalhos derivados deve-se compartilhá-los com esta mesma licença. Publica-se sob a licença *Creative Commons*



Um fim-de-semana em Yverdon*

Volker Dehs**

A secção abandona hoje o seu formato habitual e, de forma especial, traz o relato de Volker Dehs sobre o evento de Yverdon, ocorrido em Outubro passado.

Nada tinha predestinado a pequena cidade de Yverdon-les-Bains, pacificamente situada nas margens do lago Léman na Suíça, que iria albergar um dia o museu mais importante da Ficção-Científica, da utopia e das viagens extraordinárias. Mas um dia apareceu (ao estilo do misterioso maestro Effarane de Kalfermatt) o escritor Pierre Versins (1923-2001) e tudo mudou. Em 1976, ele conseguiu com que a sua coleção de livros, revistas e objetos chegasse à cidade na condição que fosse instalada num museu público. Depois de um alojamento temporário, o museu abriu definitivamente em 1989 no centro histórico da localidade, na antiga prisão e tomou o nome (a propósito de um edifício semelhante) de *Maison d'Ailleurs*¹.

Foi em 2003 que outro mestre Effarane (mas menos diabólico), o verniano de origem suíça, com domicílio nos Estados Unidos, Jean-Michel Margot, decidiu ceder sua fabulosa coleção de Jules Verne à cidade de Yverdon. Desde esse momento desenvolveram-se importantes esforços para criar um *Espaço Jules Verne*, que albergasse e deixasse acessíveis ao público os vinte mil objetos e documentos da sua coleção.

** Tradução do francês por Ariel Pérez a partir de um texto enviado pelo autor.

** Volker Dehs (nascido em 1964, em Bremen, Alemanha) enriqueceu, com mais de 120 artigos, os conhecimentos sobre a vida e obra de Jules Verne. Fez a síntese das suas investigações numa biografia crítica em alemão publicada em 2005 em Dusseldorf que é considerada como a mais completa e profunda que se fez até hoje. É co-editor (junto com Olivier Dumas e Piero Gondolo della Riva) da correspondência Verne-Hetzel publicada em 5 volumes. Prepara neste momento um detalhado catálogo bibliográfico das obras de Verne.

¹ Literalmente, *Casa em outro lugar*. O nome dá sentido de um lugar de coleção de objetos que constituem uma viagem pela fantasia humana. (N do T.)

A inauguração deste espaço teve lugar no curso do memorável final de semana de 4 a 5 de Outubro de 2008, mesmo a tempo de festejar o septuagésimo primeiro aniversário de Jean-Michel. Nesse fim-de-semana reuniram-se um grande número de aficionados e vernianos que chegaram de todos os cantos da Europa e Estados Unidos para assistir a este evento rodeado de uma variedade de espetáculos num ambiente cordial. Entre as atrações realizaram-se adaptações de obras de Verne representadas em palco, circularam no ar óperas baseadas em *Docteur Ox* e *Voyage dans la Lune* de Offenbach na *Maison d'Ailleurs*, os inevitáveis discursos, os brindes, um colóquio de três horas numa sala do antigo castelo, organizado por Terry Harpold e que mostrou diferentes aspectos da obra verniana... Tudo havia sido preparado para assegurar a este evento a estrutura adequada, graças ao empenho de Patrick Gyger, o atual diretor da instituição (e velho amigo de Jean-Michel), ajudado por Jennifer Bochud e por numerosos voluntários.

A arquitetura do espaço por si só me pareceu um êxito retribuinte. Instalada no primeiro piso de um edifício histórico adjacente ao outro lado da rua, está uma pequena ponte para pedestres que assegura a comunicação do *Espaço* ao edifício principal. A sala divide-se em dois níveis separados entre eles por uma pequena escada. O piso térreo mostra ao grande público as edições originais Hetzel, cuidadosamente protegidas atrás de um vidro nas prateleiras, e outros livros e documentos iconográficos relacionados com as *Viagens extraordinárias*, ordenados e expostos por tópicos: o mito da Terra oca,

viagens ao fundo do mar, a conquista do espaço, a utopia, etc. As vitrinas mostram outros aspectos da obra verniana tais como o teatro e as maquetas das suas máquinas mais fabulosas. Alguns cartazes justapostos em cinco filas passeiam através de sistemas giratórios perante os olhos dos espectadores. Do outro lado da sala podemos ver um vídeo com entrevistas de vernianos francófonos bem conhecidos como Michel Butor, Jean-Yves Tadié e Jean Demerliac. A projeção é por vezes interrompida e mostra fragmentos de filmes mudos na sua maioria desconhecidos e muito raros... fabuloso! Já vale a pena ir a Yverdon só por este espetáculo

O primeiro piso é reservado aos investigadores e conserva a importante coleção de Margot que contém publicações internacionais, teses e dissertações de mestrado, muitas delas inéditas, cópias de manuscritos, assim como cerca de 8 000 artigos e recortes de imprensa, alguns com



Jean-Michel Margot em Yverdon

valor desigual, mas cuja importância documental não se questiona.

É apresentado tudo o que foi publicado sobre Verne desde 1860 até aos nossos dias, o que permitiu a Jean-Michel publicar anteriormente, em 1989, a *Bibliographie documentaire sur Jules Verne* (Amiens: Centre de documentation Jules Verne, 334 p.) que continua ainda a ser uma das ferramentas mais preciosas para um investigador que se interesse pela vida e obra de Verne. A estas juntam-se numerosos trabalhos, jornais, revistas e outras publicações (muitas delas que já não se encontram) que serviram de documentação e inspiração a Verne para escrever as suas histórias.

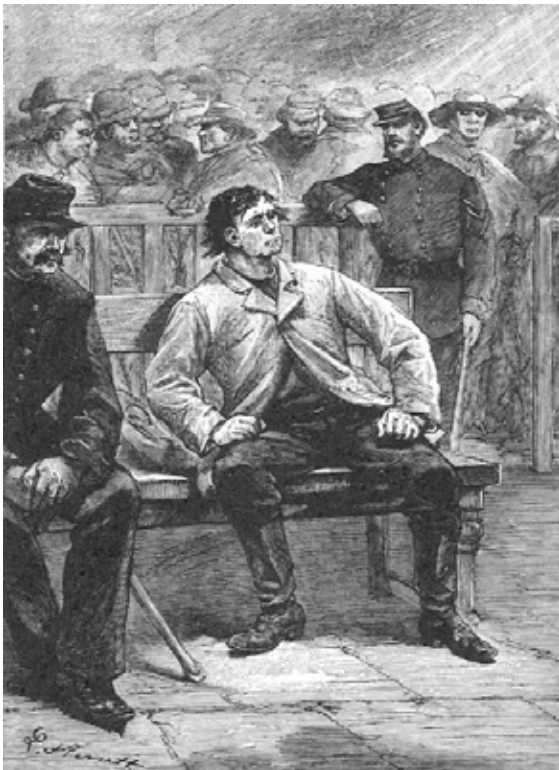
A Suíça pode-se felicitar por possuir, a partir de agora, este imenso fundo verniano que apenas tem equivalência nas coleções de Amiens (o material recompilado da família Compère, no *Centro Internacional de Amiens*, desafortunadamente inacessível na atualidade, e a antiga coleção de Piero Gondolo della Riva na Biblioteca municipal) e Nantes (biblioteca e museu). Cada uma destas coleções constitui um pequeno universo em si mesmo, conservando, por sua vez, um carácter muito particular. Faz-se agora o inventário, um imenso trabalho que, sem dúvida alguma, irá tomar muito tempo, mas que irá beneficiar e explorar todos esses tesouros, e que será útil para se fazer uma ideia

de tudo o que contém. Parece-me que um catálogo posto online seria muito bem-vindo a este projeto que passaria a ser internacional.

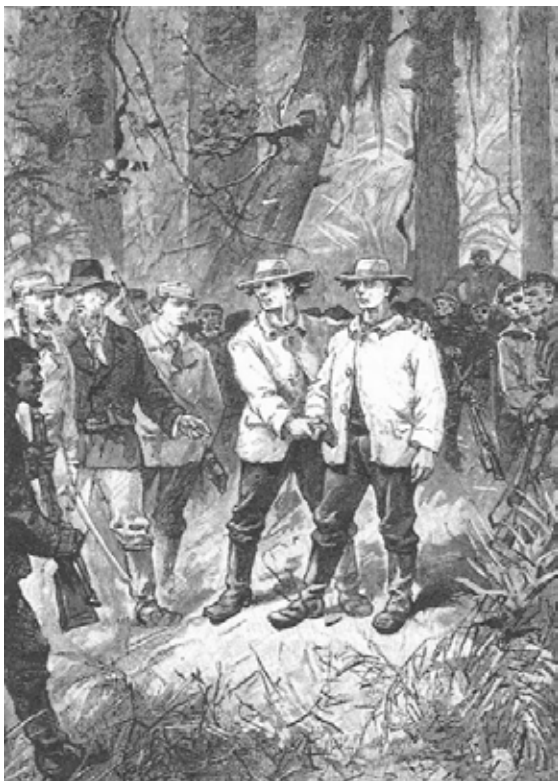
Enquanto se espera, agradecemos a Jean-Michel Margot pelo seu gesto único de generosidade e a todos os responsáveis por terem realizado aquilo que, ao começo, parecia só uma vaga ideia.

As atas do colóquio a 5 de Outubro vão ser editadas em livro, ao que se adicionará um grupo de contribuições dos amigos vernianos que Jean-Michel tem em todas as partes do mundo... o que constitui também uma viagem extraordinária cheia de sucesso ◆





Texar tinha trinta e cinco anos, era de estatura média, constituição vigorosa, adquirida por uma vida ao ar livre e aventureira. A sua fisionomia indicava um homem audaz e violento.



Há que fuzilar o autor da matança de Kissimmee.

- Qual de vocês foi?

- Eu!- responderam em uníssono os dois irmãos Texar.

Se fala de... os irmãos Texar

Quinze anos antes do Estado do Texas se rebelar contra o México e formar parte da União, dois meninos foram abandonados e educados pela caridade pública. Ignorava-se a que famílias pertenciam, e dos vinte aos trinta anos tinham vivido separados sem que se tivessem notícias deles. Por vezes encontravam-se e exerciam o ofício de contrabandistas de escravos. O trabalho era o de transportar carregamentos de negros desde as costas africanas aos estados do Sul. Foi então que decidiram aproveitar-se das suas enormes parecenças, para realizar delitos donde saíam livres utilizando sempre pretextos que se baseavam nas suas semelhanças físicas.

Os Texar, personagens principais de *Norte contra Sul*, tinham nascido numa cidade algures no Texas, e era daí que derivava o seu nome. A origem espanhola da que descendem não é bem qualificada por Verne, que ao longo da sua produção inclui poucos personagens da dita nacionalidade. Os aventureiros gémeos chegam à Florida, atraídos pela contínua luta feroz, sustentada pelos índios semínolas contra os americanos e a povoação da cidade, constituída na sua maioria por «espanhóis como eles».

Apenas a questão da escravidão dividiu os Estados Unidos em duas metades, Texar apresentou-se como o mais decidido defensor secessionista, aumentando a ambição dos agitadores leais à sua causa, empurrando-os para o roubo, o incêndio e até o assassinato dos habitantes ou colonos que partilhavam as ideias do Norte. Esta ideologia converte-o no inimigo do abolicionista James Burbank, a quem tenta eliminar sistematicamente durante o trama. O refúgio que abrigava os Texar era um forte abandonado numa recôndita lagoa: Enseada Negra. Apenas Squambó, um índio semínola aos seus serviços, conhecia o segredo daquela existência. Quando um se ausentava, o outro substituía-o nas suas funções.

Todavia, a paixão da fraternidade é um elevado sentimento que está até nos indivíduos mais canalhas como os Texar, que partilham uma solidariedade até à morte.

No momento da execução em que um deles se dispõe a morrer, surge um homem do bosque e, com um salto, coloca-se a seu lado. É o segundo Texar. A impressionante aparência confunde o oficial, pois apenas um deles pode ser o culpado de uma matança de militares federais.

Alguém acredita poder identificá-lo por uma tatuagem que levava no braço, mas ambos mostram idênticas tatuagens. Depois, quando o oficial pergunta: "Qual de vocês é o autor da matança de Kissimmee?", os dois respondem em uníssono «eu». E caem fuzilados, irmanados na morte como o estiveram em vida ●

A obra de Secessão

Cristian Tello

Com o decorrer da guerra civil norte-americana, Verne inspirou-se na luta entre o sul agrário e o norte industrial para ambientar uma das suas obras menos conhecida.



Inspirado na Guerra de Secessão, Verne escreveu vários dos seus relatos. Norte contra Sul é a obra dedicada integralmente a este acontecimento. Nela, o autor evidencia as suas simpatias pela causa abolicionista.

Sobre o autor



Cristian Alexander Tello de la Cruz (Lima, Peru, 1977)

destro777@hotmail.com

Engenheiro peruano, mantém um site sobre Verne desde 2004. É um dos vernianos mais ativos na América-latina. Já escreveu artigos sobre o escritor que publicou no seu site. Também já traduziu vários textos inéditos do escritor francês para castelhano. É dos fundadores da Mundo Verne.

Os Estados Unidos de América apenas estavam «unidos» há pouco mais de oitenta anos quando a nação foi sacudida pela guerra civil.

Os dois grupos que se enfrentavam eram os Estados do Norte, contra os recém formados Estados Confederados, integrados por treze Estados do Sul que tinham proclamado a sua independência.

Era na realidade a luta entre dois tipos de economias totalmente distintas, uma industrial-abolicionista por parte dos nordestas, e outra agrária-escravista por parte dos sulistas.

Esta guerra teve lugar entre 1861 e 1865, com cinco anos de batalhas, com a vitória para o exército do Norte, liderado pelo general Ulisses Grant e o presidente Abraham Lincoln, frente aos regimentos sulistas comandados pelo general Robert E. Lee.

Cabe realçar que a literatura influenciou também o aumento da tensão entre o Norte e o Sul durante o período anterior ao da guerra civil, com a aparição em 1852 de, *A cabana do tio Tom*, obra da escritora abolicionista Harriet Beecher Stowe, a qual contribuiu para a divergência política entre os Estados.

Outro acontecimento que agudizou a crise, foi a rebelião de escravos organizada em 1859 por John Brown, um famoso mártir cujos esforços por acabar com a escravidão foram realçados por Verne em várias obras suas.

Brown, o herói da libertação da raça negra norte-americana, acabou enforcado no patíbulo, e podemos encontrar o seu retrato colocado na galeria de pinturas do *Nautilus*, junto ao de Abraham Lincoln, como representantes das causas libertárias propugnadas pelo mítico capitão Nemo.

A guerra civil criou um marco na história de Estados Unidos e não passou inadvertida para Jules Verne, que sempre foi atraído

pelos movimentos políticos e sociais da sua época.

Algumas das suas obras foram escritas com este tema como pano de fundo. O início de *A ilha misteriosa*, por exemplo, tem como marco a Guerra de Secessão, quando cinco prisioneiros fogem de uma prisão federal em Richmond usando um balão, no momento que ocorria o conflito.

O escritor também faz referência ao tema na *Da Terra à Lua*. Ali fala-nos do *Gun-Club*, um grupo de notáveis artilheiros fundado em Baltimore durante a guerra.

Os membros deste singular clube, dirigidos pelo seu presidente Impey Barbicane (o seu carácter e fisionomia foi inspirado em Lincoln), depois de terminados os combates, concebem o audaz projeto de viajar à Lua utilizando um potente projétil disparado pelo *Columbiad*, um canhão de proporções gigantescas.

Outra história de Verne em que aparece a Guerra de Secessão é a obra *Os violadores do bloqueio*, que narra as complicações de um barco comercial que tenta trocar o seu carregamento de armas por algodão, material escasso na Europa devido à conflagração norte-americana. A história conta também a luta de uma jovem que tenta salvar o seu pai, um jornalista abolicionista, da prisão.

Das obras citadas anteriormente, nenhuma desenvolve a Guerra de Secessão como tema central. Em todas elas, o conflito é usado como ponto de partida ou motivo do trama.

No entanto, fiel ao seu estilo, Verne dedicou uma obra completa, como era de se esperar, a esta confrontação bélica.

Sob o sugestivo título de *Norte contra Sul*, o autor apresenta-nos a dramática história de um camponês anti-escravista, cuja fazenda está localizada no Sul norte-americano e que é roubada por um grupo de bandidos liderados por um antigo contrabandista de escravos, conhecido por ter escapado impunemente de crimes anteriores.

Estados Unidos: símbolo da liberdade

Verne, em toda a sua prolífica produção literária, não perde a oportunidade de atacar a escravidão e elogiar aqueles que lutaram pela sua abolição, mas é a Guerra de Secessão que permite desenvolver, com maior ênfase, a sua simpatia pelos Estados Unidos como uma terra de liberdade. Para ele, a disputa entre federais e confederados, é «a guerra que tem sido o triunfo da justiça e da lei». O escritor junta-se ao lado dos nortenhos, anti-escravistas, abolicionistas e federais e mostra-se contrário às ideias defendidas pelos sulistas, escravistas, secessionistas e confederados.

Aos olhos de Verne, os Estados Unidos não é só o país da expansão económica do país e do progresso, é também uma terra de liberdade, visão que o vincula a outros grandes admiradores franceses da América do Norte dos meados do século XIX. Na sua opinião é essa liberdade que fundou o poderio da nação americana, uma terra onde o aparato repressivo do Estado e as restrições sociais são menores. Sob esta perspectiva, é a tradição da revolução de 1848 na Europa, democrática e republicana, o que lhe faz simpatizar com os povos que enfrentam as monarquias imperiais, e não a tradição sansimoniana representada nas suas obras pelas sociedades perfeitas baseadas no trabalho em conjunto, no progresso industrial e na fraternidade.

Capas das edições francesas



Para criar *Norte contra Sul*, o autor francês não fez mais que recolher as ideias do seu meio social, já que na segunda metade do século XIX, as sociedades industriais eram anti-escravistas, mas ao mesmo tempo «racistas». A imagem favorável que se forma dos Estados Unidos é, portanto, um resumo das suas convicções políticas. Este país da liberdade, cuja evolução ocorreu devido à emancipação dos negros, o agrada e sintoniza com o seu espírito individualista de discretas simpatias libertárias.

Parece que a atitude contra a escravidão daquela época foi mais pela degradação moral que representa para os brancos apoiantes dos direitos humanos, do que pela própria condição servil dos negros. Os escravos e criados de cor são considerados como seres inferiores com mentalidade de criança, por isso, no *Norte contra Sul*, os negros libertados pelo «amo generoso que se preocupa pelo seu bem-estar», quebram a sua cédula de libertação para poder continuar a seu mando. Situação que se repete em *A ilha misteriosa*, quando Nab, um jovem criado negro ao serviço de Cyrus Smith, que, depois de ter sido declarado «homem livre» pelo bondoso engenheiro, decide permanecer junto a ele desafiando os perigos de sua aventura, uma vez que sempre se sentiu tratado de igual por igual pelos seus companheiros.

A ideologia política de Verne em torno da escravidão é mostrada em *Norte contra Sul*, ao se referir a James Burbank, o abolicionista dono da fazenda *Camdless Bay*: «Os seus negros eram-lhe absolutamente fiéis, e ele esperava com grande impaciência, que as circunstâncias permitissem a libertação deles.» E noutra passagem afirma que «lutar por esta causa, era combater pela libertação de uma raça humana e, em suma, pela

Capas das edições castelhanas



liberdade.» A sua caracterização da guerra também é referida no romance ao considerá-la como uma «guerra lamentável e gloriosa para sempre.» Glorioso para o escritor, no sentido em que acabou com a escravidão dos negros americanos; ainda que a verdadeira luta pelos seus direitos civis tenha sido ganha um século mais tarde, na década de 1960, enquanto que o Apartheid da África do Sul seria totalmente abolido em 1991.

Características e estrutura da obra

Norte contra Sul, foi publicada em fascículos na *Magasin d'Education et de Récréation*, de 1 de Dezembro de 1887. Em Maio, aparece a primeira parte em formato de livro, e em inícios de Novembro, o segundo volume. Em meados deste mês publica-se a versão completa em edição dupla acompanhada das ilustrações de Leon Benett. A obra foi escrita entre 1885 e 1886, época em que Verne manifesta uma tendência de escrever sobre temas políticos, pois em 1887 também publica *O caminho de França e Gil Braltar*.

Não é surpreendente, então, que o escritor se apresentasse às eleições para conselheiro da cidade de Amiens, em 1888, atraído, segundo as suas palavras, pelo «serviço público» e não pelos interesses políticos de qualquer partido. A sua gestão como membro da comissão que tem a seu cargo a educação, belas artes, museus, teatros e as festas, será reco-

nhecida pelos cidadãos que o reelegeram por mais dois mandatos.

Norte contra Sul é também o livro que ajudou Verne a combater a depressão. Foi o companheiro das semanas e meses seguintes ao ataque do seu sobrinho que o deixou semicoxo, e ao falecimento da sua mãe e do seu editor Hetzel.

Trata-se de uma ambiciosa saga do velho Sul norte-americano durante a Guerra de Secessão. A sua história tem lugar na Florida e descreve um nortista que possui escravos e que está à espera do momento em que possa libertá-los. Na obra, o autor aproveita a oportunidade para dar largas aos sentimentos que a escravatura lhe inspira e à sua não disimulada simpatia pela causa abolicionista.

No entanto, é necessário apontar que Verne deixa entrever várias manifestações racistas em algumas passagens da obra. No que diz respeito aos escravos, um personagem a favor da escravatura afirma que «um negro deve ser parte integrante do domínio com os mesmos títulos dos animais ou das ferramentas para o cultivo (...) um negro que não é escravo vai contra a natureza».

Texar, o contrabandista da obra, é apresentado como o líder dos homens mais detestáveis da cidade. O perigoso malfeitor era um «espanhol de nascimento que não mentia a sua origem.» Entre os seguidores de Texar estavam também de um grupo

de índios semínolas, que, depois de terem sido derrotados e praticamente exterminados, se dedicavam a assaltos e pilhagens de propriedades privadas.

Norte contra Sul foi laureado pela Academia Francesa de Literatura pela sua contribuição à educação e à cultura. O seu argumento, dedicado inteiramente ao refletir do acontecimento mais importante da história americana daquele século, poderia resumir-se na advertência já estipulada na sua obra *Paris no século XX*: «Olhe para os americanos e para essa terrível guerra de 1863»

O argumento

No decorrer da guerra civil norte-americana, perto de Jacksonville, Florida, reside James Burbank, que, embora vivendo no sul do país, nasceu em Nova Jersey, um estado do Norte, e fazia vinte anos que havia estabelecido sua plantação conhecida como *Camdless Bay* com a sua família.

Dada a sua proveniência nortista, era a favor da abolição da escravatura e esperava a intervenção das tropas federais na Florida a fim de libertar os setecentos escravos que trabalhavam dentro dos seus domínios, situação que incomodava a seus vizinhos.

Entre os rivais de James, destaca-se Texar, um antigo contrabandista de escravos de origem espanhola. Há um tempo atrás, Texar e Burbank

assistiram a um leilão de escravos e entre os dois disputaram Zermah, uma negra que Burbank queria como madrastra para a sua jovem filha Dy. Finalmente Burbank compra Zermah juntamente o seu marido Mars. Além disso, Texar havia sido expulso várias vezes da sua propriedade, por ser um homem de reputação suspeita. Daí o rancor de Texar por Burbank e sua família.

O espanhol era conhecido na Florida por ter escapado impunemente a muitos crimes, mediante álibis habilmente construídos. Defensor da escravatura, Texar procurava no meio da guerra, derrubar as autoridades de Jacksonville.

Uma vez proprietário do condado, teria o campo livre para exercer as suas vinganças pessoais com a ajuda dos seus amigos e dos vários índios semínolas.

Procurava vingança contra Burbank, pois era quase certo que o seu filho prestava serviço no exército federal.

Os juízes, pressionados por Texar, ordenaram que Burbank comparecesse perante o Palácio da Justiça de Jacksonville para que este respondesse às graves acusações que o indicam como simpatizante nortista e anti-escravista.

Burbank reconhece a sua posição, e também admite que o seu filho fazia parte da conspiração, pelo que resolve abolir a escravidão dos seus homens, feito que nunca havia acon-

As personagens da obra

- James Burbank, 46 anos. Rico colono, proprietário de *Camdless Bay*, uma plantação de três mil hectares.
- Gilbert Burbank, 24 anos. Filho de James ao serviço do exército federal pronto a atacar Florida.
- A senhora Burbank, esposa de James.
- Diana, «Dy». Filha pequena de Burbank, 6 anos.
- Texar, 35 anos. Chefe do partido avançado dos escravistas da Florida.
- Squambó, índio semínola ao serviço de Texar.
- Zermah, 31 anos. Negra escrava criada de James.
- Mars, 35 anos. Marido de Zermah e companheiro de Gilbert no exército federal.
- Edward Carrol, cunhado de James Burbank, encarregado da contabilidade da plantação.
- Walter Stannard, viúvo e amigo de James Burbank. Reside em Jacksonville.
- Alice Stannard, 19 anos. Filha de Walter e noiva de Gilbert.
- Perry, administrador geral da plantação. Partidário da escravatura.
- Pigmalhão, «Pig», jovem negro escravo de 20 anos. Ridículo, vaidoso, preguiçoso, mas de quem, por bondade, os seus amos toleravam muitas coisas.
- O senhor Harvey, correspondente de James.
- John Bruce, empregado do senhor Harvey.

tecido em nenhum estado do sul.

O furioso grupo, liderado em segredo por Texar, ataca *Camdless Bay*, mas James junto com os seus escravos decide enfrentá-lo apesar da inferioridade numérica e de armamento.

No entanto, com a ajuda de um empregado do senhor Harvey, o correspondente de James que apenas teria de o informar, pode tirar Alice, a Sra. Burbank, Dy e Zermah, através de uma passagem secreta. Mas em plena batalha ouvem-se tiros provenientes das balas dos canhões de Jacksonville, sinal da chegada do exército federal à cidade e alerta para a retirada dos bandidos.

A plantação foi devastada e os negros dispersos, enquanto que Dy e Zermah são raptadas por Texar ao tentarem escapar através do túnel. Ambas são levadas pelo índio Squambó, colaborador principal de Texar, para a Enseada Negra, uma sombria e recôndita lagoa que servia como refúgio ao espanhol.

Por outro lado, enquanto Burbank e Edward Carrol tentavam encontrar Texar explorando as ilhas e as margens do rio San Juan, sem êxito, surgem subitamente Gilbert e Mars, que haviam abandonado a flotilha arriscando as suas vidas.

A frota federal não avançava por causa da falta de água no rio, pelo que Gilbert e Mars pretendiam regressar a ela antes do amanhecer. Mas no regresso ambos são descobertos pelos homens de Texar que logo capturam Gilbert, e este, não podendo negar as acusações do espanhol, é condenado à morte. O comité corrupto declara James, como também o seu filho, culpado, sendo detido e condenado também à pena de morte.

Ao amanhecer do dia da execução, a frota federal, graças à subida águas, aportou finalmente em frente de Jacksonville. Em poucos minutos, a milícia evacuou a cidade e Mars, que se acreditava ter-se afogado, reapareceu. Foi então que os ex-juizes recuperam a sua usurpada autoridade,

libertando o pai e o filho. No ataque, Texar é capturado, mas não admite a autoria do sequestro da filha e empregada de James Burbank.

Com todas as evidências, organiza-se uma expedição em busca de Zermah e Dy.

Durante a procura, Gilbert e Mars encontram o refúgio do espanhol e lá veem uma nota deixada por Zermah onde diz que foi Texar quem as sequestrou e as levou para a ilha Carneral, localizada nos pantanosos terrenos dos Everglades.

Mais tarde eles encontraram vestígios de uma tropa que descia até os Everglades.

Eram uns duzentos soldados nortistas que queriam vingar a morte dos vários oficiais assassinados por um grupo de confederados destinados a organizar o bloqueio do litoral.

Também eles perseguiram Texar, que era o autor da emboscada realizada alguns dias antes em Kissimmee, um local situado a umas duzentas milhas de onde mantinham prisioneiras Zermah e Dy.

Como é possível que Texar pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo? Pensava-se que o espanhol não poderia ser o autor do atentado aos oficiais federais, visto que se encontrava na Enseada Negra.

No entanto, Zermah pode reconhecer que duas pessoas falavam com o mesmo tom de voz do outro lado da parede da sua cela. Havia descoberto o seu segredo, tratava-se de dois irmãos gémeos que utilizavam a sua extraordinária semelhança física como um álibi para encobrir seus muitos crimes! Portanto, por ter visto os irmãos Texar, significava para ela a pena de morte.

Perante a sua angustiante situação, Zermah tenta escapar da cela em que estava presa, e o consegue usando uma faca com a qual fura a parede. Num ato heróico, durante a sua fuga, lança-se a um rio infestado de crocodilos a fim de se escapar das balas disparadas por Texar e seus homens. Quando as fugitivas estavam prestes a ser capturadas, providen-

cialmente aparece o destacamento federal que procurava Texar, ocorrendo deste modo a sua captura.

No momento em que um dos Texar seria fuzilado, o outro, consciente da condição do primeiro, junta-se a ele num ato de fidelidade. Ambos se confessavam pelas mortes dos federais em Kissimmee.

Com o objetivo de identificar o verdadeiro Texar, Zermah argumenta que este tinha um braço tatuado, mas depois de inspecioná-los, vê-se que ambos o tinham. Os irmãos decidiram morrer juntos de mãos dadas. Após o incidente, todos voltaram a *Camdless Bay* e a plantação recuperou a normalidade. Os beligerantes ainda lutaram mais três anos. Em 1863, Lincoln aboliu a escravatura, apesar de a guerra ter terminado em 1865, quando o General Lee se rendeu com todo o seu exército ao general Grant.

Foram cinco anos de incansável luta entre Norte e Sul, que matou mais de meio milhão de homens, mas o supremo objetivo que motivou a guerra ganhou-se, ao ser abolida, definitivamente, a escravatura na América do Norte ●

Bibliografia

- Verne, Jules. *Norte contra Sur*. Editorial Aguilar, Madrid, 1978.
- Chesneaux, Jean. *Una lectura política de Julio Verne*. Siglo XXI Editores, 1973
- Navarro, Jesús. *Sueños de Ciencia*. Universitat de València, Valencia, 2005
- Pérez, Ariel. *Los movimientos políticos y los Viajes Extraordinarios*. On line, <http://jgverne.cmact.com/Articulos/MPoliticos.htm>
- Wikipedia. *Guerra Civil Estadounidense*. On line, http://es.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Estadounidense

Verne e o povo dos Incas

Cristian Tello

Verne, apaixonado pela geografia, pelo mar e por viagens a países distantes, se inspirou no Peru, na sua história e em seu povo para escrever vários de seus textos. Aqui, um retrato da verdadeira relação entre Verne e da terra dos Incas.

Não existe qualquer canto do planeta que não tenha sido alcançado de forma precursora pela imaginação fértil de Verne, um trabalhador que não descansava e regular leitor de todas as publicações científicas e geográficas de seu tempo. E, como esperado, a longínqua América do Sul não podia escapar de sua incomparável sede de descoberta. *Martin Paz*, obra de 1852, é uma curiosidade na sua vasta produção literária: ambienta-se no Peru. Uma curta novela de juventude que corresponde à época de sua iniciação como romancista, antes de ganhar o prestígio que lhe deram, mais adiante, seus livros futuristas.

Mas não se pense que esta foi a única vez em que Verne dirigiu seu olhar à terra ancestral dos Incas, pois, como veremos, a sua relação com o país peruano é muito maior do que se supõe.

A novela colonial

Desde 1850, o jovem provinciano Verne, de 22 anos, ganhava sua vida em Paris, escrevendo peças de teatro de pouca importância. Em 1851, Verne consegue que a revista *Musée des familles* publique seu primeiro conto, *Os Primeiros Navios da Marinha Mexicana*, a primeira história escrita sob a influência de seu bom amigo Jacques Arago, cujo irmão Jean participou da guerra independência do México, onde foi nomeado general do exército. Neste trabalho inicial, Verne já deixa transparecer algum conhecimento da geografia do Peru. Descreve que «o vasto planalto de Anahuac é uma sucessão de planícies, muito mais amplas e não menos monótonas que as do Peru e de Nova Granada».

Naquela época, Ignacio Merino, o ilustre pintor peruano, retorna à Europa e ganha seus maiores prêmios,

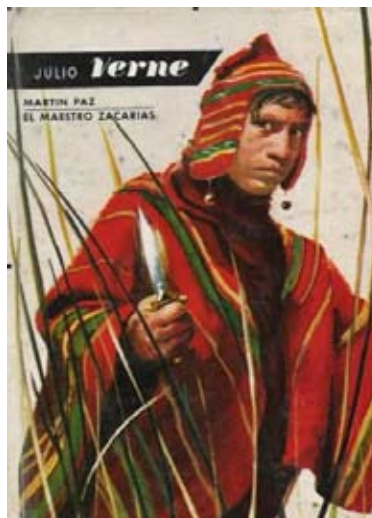
entre os quais, a Terceira Medalha de Honra na Exposição de Belas Artes em Paris, com o seu belo quadro *Colombo diante dos sábios de Salamanca*, obra conservada em Lima, adquirida pelo governo do presidente Balta. Segundo Chevalier-Pitre, diretor do *Musée des familles*, Merino havia trazido do Peru um álbum de aquarelas e autorizou aos distribuidores da revista a publicar reproduções das melhores pinturas desta coleção inédita.

As gravuras do Peru daquela época serviram de inspiração a Verne para escrever um outro conto. Desta vez, sua história seria ambientada no Peru colonial. Portanto, o escritor documentou-se mais sobre a história e os costumes do país e falou com todos os turistas vindos de Lima com os quais teve acesso para recolher informações mais confiáveis, conforme seu método de trabalho. Desta forma, em meados de 1852, o *Musée des familles* publicou *Martin Paz*, sua primeira obra narrativa, na qual colocou em cena os personagens coloniais criados por Ignacio Merino em suas aquarelas. No entanto, para a data de sua publicação, parece que as informações que Verne tinha sobre o Peru ainda não eram muito sólidas, pois o autor menciona que, em nossa pátria, o sol se põe atrás das montanhas dos Andes, e que o mar de Chorrillos está infestado de tubarões.

Ambientado no início da República, em Lima, em 1830, durante o

governo conturbado de Agostinho Gamarra (Gambarra na ortografia de Verne), o relato enlaça uma intriga amorosa com uma revolta de índios que explode no dia da festa popular de Amancaes.

O jovem índio Martin Paz, um dos mais corajosos descendentes de Manco Capac, é o filho do líder de um grupo de insurgência indígena que prepara uma revolta para tomar o poder. Na história, Martin se apaixonou por Sara, uma bela mulher espanhola, prometida ao rico mestiço André Certa e, como se crê, filha de Samuel, um agiota judeu. Em uma de suas ações, Paz fere a Certa e foge e consegue encontrar refúgio na casa de um generoso marquês espanhol. Enquanto



Capa de *Martin Paz*, relato histórico de Jules Verne, ambientado no Peru. Foi publicado em 1852.

isso, seu pai inicia a revolta contra líderes brancos.

O pai de Sara a vende para André Certa e lhe revela que é, na realidade, uma cristã. Sara é, na verdade, a filha do marquês espanhol.

Acontece que, em anos anteriores, o judeu Samuel tinha salvado Sara de um afogamento, quando esta era uma criança e, desde então, ele fez com que ela se passasse por sua filha, escondendo a sua verdadeira identidade. Apesar de Martin conseguir convencer Sara a fugir com ele, não o consegue ao ser preso pelo marquês.

Depois desse fato, Paz adere à rebelião, mas quando tenta proteger Sara dos índios, seus irmãos de raça e seu próprio pai se viram contra ele.

Martin Paz é morto quando tenta salvar. Sara, que também morre, batiza o índio antes de seu último suspiro. Samuel fica com o dinheiro pago a ele e continua explorando com sua usura os aristocratas da cidade de Lima.

Este argumento parece ser um artifício copiado de Romeu e Julieta, de Shakespeare, onde Verne utilizando o pretexto de uma história de amor entre dois lados em disputa, destaca os graves conflitos inter-raciais do Peru colonial entre espanhóis, índios e mestiços.

O desconhecido historiador dos Incas

O visionário romancista tinha conhecimentos enciclopédicos dos quais se serviu para descrever, ao longo da sua produção, diversas culturas da humanidade. Sua constante preocupação pela história dos povos conquistados, faz com que o autor francês mencione algumas vezes o Império Inca que, como se sabe, foi colonizado pelo exército espanhol. Ao fazer um estudo de seus romances, encontraremos algumas alusões aos Incas e seus costumes.

Em *Vinte mil léguas submarinas*, a autor narra que, no fundo da baía de Vigo, o mítico Capitão Nemo abastecia-se de suas necessidades e carregava o submarino Nautilus com todas as riquezas dos navios espanhóis afundados lá. Descreve que «para ele apenas tinha entregue à América seus metais preciosos. Ele era o único herdeiro direto de todos os tesouros arrancados dos Incas e vencidos por Hernan Cortez». Da mesma forma que, em *Os filhos do Capitão Grant* nos faz menção ao «condor, este magnífico pássaro, adorado em outros tempos pelos Incas, é rei das aves meridionais do sul,

regiões em que podem chegar a um extraordinário desenvolvimento».

No entanto, a referência mais importante que Verne faz dos Incas pode ser encontrada na *História das grandes viagens e dos grandes viajantes*, um trabalho de fundo histórico e geográfico publicado entre os anos de 1878 e 1880, que custou ao autor muitos anos de estudo e investigação.

Esta obra, pouco conhecida, descreve de forma bem resumida a história da conquista do Império Inca e as guerras civis que se sucederam



Limeña e índio peruano da época colonial. Gravuras de Ignacio Merino.

entre Pizarro e Almagro.

O livro serve de vitrine para expor uma de suas muitas qualidades: a de historiador.

Verne faz, neste relato, uma

crítica sistemática a esta tirania e ambição com que os espanhóis invadiram Peru: «Maldades das mais hediondas e das mais odiosas feitas pelos espanhóis na América, onde se mancharam com todos os crimes imagináveis!».

Enquanto que de Francisco Pizarro, disse que «ele reconhece sua astúcia e sua perfídia, que são as mais notáveis características da sua personalidade».

Embora se mostre severo com os conquistadores, o autor expressa sua insatisfação com a rapidez que os in-

cas foram derrotados, explicando que os conquistadores ibéricos tiveram a sorte ao seu lado, para tirar partido das imbatíveis condições em que chegaram ao Peru: «Não é uma coisa estranha de perceber que, tanto no Peru como no México, os espanhóis foram favorecidos por circunstâncias absolutamente excepcionais? (...) No Peru, a luta feroz entre os dois frateros inimigos impediu que índios voltassem todas as suas forças contra os invasores, que poderiam facilmente ter exterminado».

As Viagens extraordinárias ao Peru

São muitos os livros em que Verne partilha o assunto Peru ou peruanos, com importância relativa. Já em 1861, antes de alcançar a fama com as suas *Viagens Extraordinárias*, Verne cita nosso país como um dos lugares que desejava visitar. Trata-se de *Misérias felizes de três viajantes na Escandinávia*, um romance escrito a

partir de uma nota real de viagem. Na obra ele comenta: «Cheguei a estar absolutamente de acordo com os grandes viajantes, cujos trabalhos absorvia (...) tomavam posse em nome da França, das ilhas em que plantavam sua bandeira (...) Sempre e por toda a parte francês, quer fossem as Ilhas Labrador, México, Brasil, Guiné, Congo, Groenlândia, Peru ou Califórnia».

Ajangada é uma outra novela que se ambienta, em parte, em território peruano. Nela se recria uma viagem numa espécie de balsa gigante através do lendário rio Amazonas.

Na travessia, que começa em Iquitos, Peru, e culmina em Belém, Brasil, os personagens de Verne alternam a contemplação das paragens por onde vão passando com a discussão que consiste em demonstrar-se a inocência de um acusado de homicídio mediante decifração de um documento, além de gerar a bordo,

simultaneamente, dois românticos idílios. A obra é, por outro lado, o meio utilizado pelo escritor para confirmar que o Amazonas nasce no nosso país: «Hoje, não há dúvida que o Amazonas nasce no Peru, no distrito de Huaraco, intendência de Tarma, e que parte do Lago Lauricocha (...) Alguns pretendem que este nasce na Bolívia, mas na verdade, estão o confundindo com o Ucayali».

Em seu popular romance *Da Terra à Lua*, o Peru é mencionado também como um dos países que apoia financeiramente o extravagante projeto dos membros do Gun-Club, que concebem um plano de viagem para a Lua através de um projétil que será disparado pelo *Columbiad*, um enorme canhão construído para o lançamento espacial.

Para Verne, o Peru encabeça as listas dos países da América do Sul com o Chile, o Brasil, a Colômbia e as províncias de La Plata, que contribuíram com um total de três mil dólares para o intento.

Outra referência ao Peru está nas *Histórias de Juan María Cabidoulin*, romance que narra a história de um velho marinheiro acostumado a semear o pânico entre a tripulação dos barcos em que trabalhava, espalhando a lenda da existência de uma grande serpente marinha.

Nesta obra, Verne relata, utilizando como fonte de informação o quotidiano *Journal du Havre*, que «no Oceano Pacífico tinha-se produzido o seguinte fenômeno (...) Depois de um enorme terremoto na costa do Peru, uma grande ondulação no oceano se estendeu até a costa Australiana». Nós peruanos sabíamos desse tremor de terras em nossas costas?

Nas *Aventuras de três ingleses e três russos na África Austral*, história que conta a viagem de uma delegação científica para a África do Sul com o objetivo de medir o arco de um meridiano, o autor afirma que, até então, foram particularmente estudiosos franceses que trataram dessa medição. Verne descreve que uma destas

aconteceu no nosso país: «Em 1745, no Peru, La Condamine, Bouguer, e Godin, ajudados pelos espanhóis Juan e Antonio Ulloa, acusaram cinquenta e seis mil setecentos e trinta e sete pés como o valor do arco peruano».

O autor ainda surpreende com seu conhecimento de um dos símbolos da pátria peruana, como em *Norte contra Sul*, um romance baseado na cruel Guerra de Secessão, onde descreve: «Aqui e ali cresciam grupos de arbustos de quina que eram simples plantas arborescentes, em vez de serem esplêndidas árvores como as cultivadas no Peru, seu país natal». Neste caso, Verne enaltece a quina, a árvore que representa, no brasão nacional, a rica flora peruana.

Quando ocorrem eventos fantásticos em suas histórias, Verne diz frequentemente que, no Peru, estávamos cientes deles. Assim, temos que o Albatros, a “nave” que surpreendente o mundo em *Robur*, o Conquistado, curiosamente também é vista em nosso país: «Os peruanos, na ponta da flecha metálica de sua catedral, podiam ver uma bandeira flutuando sobre cada um destes pontos dificilmente acessíveis».

Assim também, em *O Testamento de um excêntrico*, onde estão as aventuras de sete rivais que jogam o popular jogo do ganso, no qual cada casa corresponde a um Estado da União, disse com respeito ser a euforia que desatou o jogo: «Esta corrente foi canalizada não somente nos Estados Unidos (...) difundia-se logo para a América do Sul: Colômbia, Venezuela, Brasil, Argentina, Peru, Bolívia e Chile».

Em alguns romances, o autor tenta levar seus heróis a terras peruanas e, em outros, envolve personagens peruanos em suas histórias. Por exemplo, temos Dick Sand, personagem principal de *Um capitão de quinze anos*, que tenta levar o navio sob seu comando para a costa sul-americana. Dick, no final, acreditava ter chegado ao Peru, já que ao desem-



Ilustrações originais de Martin Paz, por Jules Férat..

barcar, pergunta: «Queira dizer-nos com mais precisão onde estamos. Na costa do Peru, creio eu? - Não amigo, um pouco mais a sul (...) - Nós estamos muito distantes de Lima? - Oh! Até Lima é um longo caminho... Por ali, ao norte».

Em *Uma cidade flutuante*, um romance inspirado em uma jornada pessoal de Verne aos Estados Unidos, a bordo do gigantesco navio *Great Eastern*, o escritor narra que entre os passageiros haviam alguns pe-

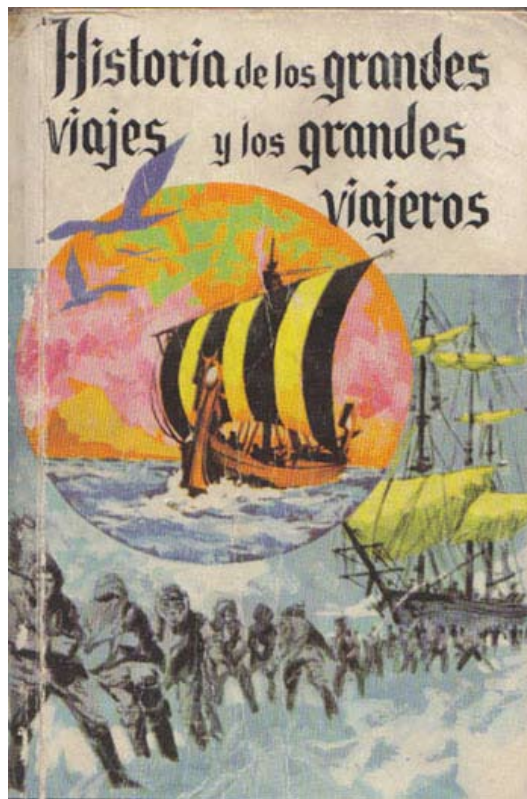
ruanos: «Eles logo embarcaram, californianos, peruanos, hispano-americanos, britânicos, alemães e muitos franceses». Incluí-se, no desenrolar da história, a presença em cena de um jovem casal peruano: «Nos distraíu, naquele momento, um jovem casal peruano que parecia profundamente aborrecido. – São peruanos, me disse o médico, casados há um ano. Passaram sua lua-de-mel em todos os horizontes do globo».

Ávido leitor da mais importante revista do seu tempo, o *Le tour du monde*, Verne estava a par de todas as expedições realizadas no mar. Não surpreende também que tenha conhecido as viagens realizadas por alguns barcos peruanos, assim como o movimento comercial desta parte do mundo.

Em *Mistress Branican*, a única novela em que a personagem principal é uma mulher que vai em busca de seu marido perdido no mar, relata: «Alguns anos antes, *La Sonora*, uma escuna peruana, havia afundado na entrada de Coronado Beach e a tripulação foi considerada perdida até que se estabelecesse contato do barco com a terra».

Outro navio peruano é mencionado em *Dois anos de férias*, um romance em que um grupo de crianças compõem uma pequena colônia após naufrágio em uma ilha deserta no Oceano Pacífico: «Na verdade, embora os vapores não tenham encontrado a *Sloughi*, recolheram pelo menos alguns dos seus restos, tais como os destroços dos tombadilhos caídos no mar após a colisão com o transatlântico peruano *Quito*».

Além disso, em seu mais bem sucedido romance, *A volta ao mundo em oitenta dias*, Phileas Fogg, Passepartout e Aouda chegam à América numa das docas em San Francisco, onde «se acumulam produtos de um



No livro histórico de Jules Verne, *História das Grandes Viagens e dos Grandes Viajantes*, o autor francês descreve Pizarro como péfido e ambicioso.

comércio que se estende para o México, Peru, Chile, Brasil, Europa, Ásia e todos os Ilhas do Pacífico».

E, em *Os filhos do Capitão Grant*, toma como referência o principal porto de Callao: «Não foi preciso procurar por um longo tempo, pois logo disse com um sotaque de satisfação: 30 de maio de 1862! Peru! O Callao, o carregamento para Glasgow, a fragata *Britannia*, Capitão Grant!»

Como se viu, sem dúvida em nosso país que convergiram as primeiras inquietações literárias de Verne, um escritor que, embora nunca tenha visitado a nossa terra, nos dedicou da sua distante terra natal, a França, não apenas uma história ambientado na íntegra aqui, mas também um estudo da história dos Incas e numerosas referências ao Peru e seu povo dentro a riqueza natural e histórica destas paragens; feito que reflete também, além de sua capacidade visionária, a figura de um homem que sempre procurou cumprir a obra de sua vida: «terminar de pintar a Terra» ●

O Peru é um país situado a oeste da América do Sul. É limitado ao norte pelo Equador e Colômbia, a leste pelo Brasil, ao sudeste com a Bolívia, e para o sul com o Chile e a oeste com o Oceano Pacífico. Tem uma complexa geografia dominada principalmente por elevações da Cordilheira dos Andes e as correntes do Pacífico, o que configura climas e paisagens tão amplamente variadas como a costa desértica, as pontas do elevado Andes ou a floresta tropical da bacia do Amazonas, todos ambientes que identificam o país como um território de grande variedade de recursos naturais. Até ao século XVI, o Império Inca desapareceu e a região foi conquistada pelos colonizadores espanhóis com o apoio das etnias inimigas do domínio Inca.

A Espanha estabeleceu assim um Vice-reinado que incluiu a maior parte das suas colônias sul-americanas.

Em 28 de julho de 1821, o movimento libertador dirigido pelo general argentino José de San Martín, vindo do Chile, declarou independência e estabeleceu um novo Estado: a República do Peru, cujo nome consigna tacitamente ao ato de independência deste país. Mas foi em 1824, que o general venezuelano Simón Bolívar conseguiu expulsar definitivamente as tropas realistas com base nas montanhas Sul após as batalhas de Junín e Ayacucho, em 6 de agosto e 9 de dezembro de 1824, respectivamente. Os primeiros anos de independência se desenvolveram sob lutas caudilhescas.

Ler Verne na escola

Joan Manuel Soldevilla

As reflexões e propostas se ordenam seguindo a organização do sistema educacional espanhol - o qual conhecemos - mas intuímos que, em linhas gerais, todo o exposto é aplicável a qualquer sistema.

Sobre o autor



Joan Manuel Soldevilla Albertí (Barcelona, Espanha, 1964)
jsoldevi@xtec.cat

Lecionou na Universidade de Girona e, há anos, é professor no Instituto de Ramon Muntaner de Figueres. Foi curador da exposição *Verne, ficções* (Koldo Mitxelena, Donostia, 2005) e tem servido como arquivista na exposição *Món Verne* (Institut de Cultura de Barcelona, Ajuntament de Barcelona, 2005) e *Merci, Jules*, (Museu del Cinema de Girona, Museu de la pesca Palamós, Museu del Joguet da Catalunya / Figueras, 2005). Ele é autor, com M. M. Cuartiella, da novela *Capitán Verne* (Barcelona, Editorial Sirpus, 2005).

Verne é uma leitura oportuna para se desenvolver nos últimos anos do ensino primário? Verne tem realmente uma grande variedade de romances, e se é verdade que algumas histórias podem ser demasiadamente longas, complexas ou difíceis para meninas e meninos entre dez e doze anos, também o é que alguns títulos - *Dois anos de férias*, *A volta ao mundo em oitenta dias*, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, *Viagem ao Centro da Terra* ou *Miguel Strogoff*, entre muitos outros - poderiam apaixonar esses jovens leitores. Não se atrevem muitos deles com os enormes volumes de J. K. Rowling? Tolkien não é lido com paixão por muitos pré-adolescentes? *Vinte Mil Léguas submarinas* ou o enciclopédico *Os Filhos do Capitão Grant* poderiam ser livros excessivos para muitos alunos, mas também é verdade que aqueles que já descobriram o prazer da leitura e são vorazes leitores encontrariam nestes livros um espaço maravilhoso para explorar e para crescer.

Verne não é um autor para crianças, mas também pode ser um grande escritor para quem, às portas da primeira fase juvenil, comece a ter o hábito da leitura como uma de suas atividades favoritas em seu tempo livre.

Suspeitamos que cada leitor tenha seu Verne, através da proposta de títulos que o professor pode escolher, com a ajuda de certas pistas que serão propostas e com a cumplicidade que pode ser estabelecida com os alunos, acreditamos que é possível reivindicar a narrativa Jules Verne desde os últimos anos do ensino primário.

Ao longo dos vários livros que compõem a narrativa de Verne encontramos um conjunto de eixos que compõem a espinha dorsal de seu universo ficcional; cada livro, ainda que seja uma unidade fechada, uma experiência cultural de extrema complexidade e indelével intensidade, a verdade é que esta experiência é enriquecida quando integrada ao corpo de sua narrativa.

Nesta grelha de reflexões transversais ordenamos um conjunto de propostas

Neste artigo exploraremos um conjunto de propostas que permitem trabalhar em aula a experiência de leitura que têm realizado os alunos e que poderia ser aplicada igualmente a toda a série de romances do escritor francês.

que permitem trabalhar em sala de aula a experiência de leitura realizada pelos alunos e que poderia ser aplicável de igual maneira tanto a um determinado título quanto a todas as novelas.

As nossas propostas, em conjunto, são aplicáveis dentro das áreas de conhecimento que o aluno desenvolva ao longo dos cursos de ensino primário em seu ciclo superior (10/12 anos), apesar do fato de que antes dessa idade, o estudante pode ter ficado mais perto dos romances de Verne - e talvez tenha feito o mesmo em seu tempo livre, ainda que através de filmes ou desenhos animados - é claro que alguns aspectos - a complexidade das aventuras, a ocorrência frequente de dados de divulgação científica, etc. aconselham a começar a trabalhar Verne a partir dos 10 anos, quando os fundamentos da alfabetização estão plenamente consolidados.

Lingua

A área de língua é o local de formação privilegiado onde, mais intensamente, Verne pode atuar. Seus romances são isso, romances, e é a partir disso que desde a aula de língua é onde se podem trabalhar estas propostas destinando os esforços a desenvolver as competências linguísticas dos alunos ao mesmo tempo em que se tenta desenvolver neles o interesse pela leitura. Embora possa ser interessante que cada aluno escolha um romance de Verne - opção que desaconselhamos-, acreditamos que a tarefa do educador será significativamente simplificada se concentrar todos os seus esforços em uma leitura comum para todos os alunos.

Compreensão oral e escrita

Na primeira fase, a ligação essencial mas não a mais simples: que o aluno leia, mas que o aluno compreenda. Não é pequena nem simples tarefa.

A estrutura episódica dos romances facilita em parte o trabalho. A maioria dos romances de Verne foi publicada no *Mag-*

sin illustré d'éducation et de récréation e é por isso que a maior parte dos capítulos não são muito extensos, mantendo uma inegável unidade de espaço, tempo e ação, e muitas vezes acabam em um momento emocionante que conduz à leitura do próximo capítulo.

Desta perspectiva pode-se oferecer aos alunos uma leitura individual de um desses segmentos- leitura que pode ser desenvolvida em sala de aula ou em casa- e avaliar esse processo através de um breve controle oral ou escrito que ajude a consolidar a leitura.

O recolhimento e a seleção da informação

Dicionários, enciclopédias, e, evidentemente, a Internet devem tornar-se companheiros de viagem que envolvem a leitura dos romances de Verne.

Diferenciar a utilização de cada um destes instrumentos, praticar a busca rápida de palavras, ampliar o vocabulário e aumentar o conhecimento de muitos campos da realidade e da ciência que temos diante de nós são os valores inquestionáveis que os alunos devem ver reforçados na medida em que desenvolvem o prazer pela leitura.

Tipologias textuais

No processo de leitura de um texto um estudante percebe, sem dificuldades, talvez intuitivamente, a existência de diferentes tipos de texto.

Às vezes a ação avança, por vezes se detém, retratando uma exótica paisagem e, muitas vezes, falam entre si os personagens: o aluno dirá, conforme o caso e seus gostos, que o relato é muito emocionante, que às vezes é muito lento que, por vezes, nada acontece, que é como um documentário.

Esta diversidade que o aluno encontra na sua leitura particular permite desenvolver uma série de exercícios destinados a caracterizar cada um dos modelos textuais que os

leitores e oradores conhecem e utilizam – narração, descrição, diálogo e exposição, desta forma potencializando as nossas habilidades comunicativas.

Conhecimento do meio social e cultural

Os romances de Jules Verne são uma bela porta de entrada para o mundo; desde a sua concepção o autor francês estava ciente de que muitos dos seus leitores seriam jovens e que seus livros possuiriam uma dimensão pedagógica e formativa.

Durante mais de cem anos, milhares de meninos e meninas de todos os países têm descoberto o mundo através das palavras escritas por Verne, que esboçaram um excepcional retrato da realidade.

O estudante de hoje dia conhece o mundo através não só do ensino, mas também através dos meios de comunicação audiovisual, principalmente da televisão e da Internet; não obstante, a palavra do autor francês continua tendo uma capacidade de evocação tão intensa que o mundo, através de suas palavras, ainda é um lugar maravilhoso que podemos descobrir através da leitura.

Geografia universal

O filósofo francês Michel Serres se recorda de como «desde a idade de oito anos, Jules Verne me acompanhou pelo mundo. Era impossível para romances como *Os filhos do Capitão Grant*, *Miguel Strogoff*, *Vinte mil léguas submarinas* e muitos outros, proceder a leitura sem a análise detalhada de um atlas: graças a ele me tornei um apaixonado geógrafo».

A geografia, a mais romântica das ciências, é uma das principais paixões que sustentam a obra de Verne. Ler seus romances como fazia Serres quando criança, acompanhado de um atlas, é uma experiência maravilhosa que não apenas intensifica o prazer de leitura, mas permite que o aluno tenha uma aproximação pessoal com o território; estes deixam

de ser meras representações gráficas e se tornam espaços concretos experimentados através da leitura, mares e continentes onde a aventura é possível.

Meios de transporte

A viagem é um dos principais temas vernianos e este é possível graças aos meios de transporte que, ao longo do século XIX viram um excepcional desenvolvimento. Veículos de caminho-de-ferro, embarcações que variam desde veleiros a navios transatlânticos, passando por baleeiros, escunas, submarinos, balões, aviões, foguetes... todos os meios imagináveis povoam as páginas dos romances levando os leitores aos lugares mais desconhecidos.

O aluno da escola primária a partir de sua experiência pessoal e através de seus estudos em anos anteriores conhece a diversidade e a importância dos meios de locomoção; sugerimos que os estudantes aproximem-se dos artefatos criados por Verne, que entendam através deles como este campo no século XX sofreu uma série de transformações espetaculares que tiveram sua origem na época em que o autor francês viveu: comparar as máquinas de Verne com os meios de hoje em dia, classifica-los como meios de transporte reais ou imaginados, compreender as dificuldades e riscos que, para os mais de cem anos, significava viajar são muitas as possibilidades que nos são oferecidas e que sempre estão ao alcance do educador e o material que pode preparar e selecionar previamente.

Conhecimento do meio natural

Os romances de Jules Verne são extraordinárias enciclopédias da natureza. Quando seus personagens viajam pelo mundo, o fazem acompanhados por um narrador que vê o mundo fascinado e descreve com minúcia e rigor as características do ambiente natural em que se encon-

tram.

Em um momento, o século XIX, em o que a cidade está se tornando núcleo da vida econômica, política e social, em uma época em que artistas descobrem as possibilidades artísticas da realidade urbana, Verne, através de seus livros, sai da cidade e se lança à exploração de territórios ainda virgens, daquelas áreas que ainda estavam em branco nos mapas, lugares nos quais nenhum cartógrafo havia se atrevido pisar.

A diversidade da fauna e da flora e dos ecossistemas é tão avassaladora que qualquer abordagem à sua narrativa representa uma descoberta fascinante do mundo que nos rodeia.

Educação artística

Desde o seu surgimento, o mundo de Jules Verne sempre esteve acompanhado da imagem.

A segunda metade século XIX, está experimentando um notável desenvolvimento tecnológico que permitiu a difusão de imagens impressas com uma intensidade desconhecida até hoje; jornais, periódicos, os semanários satíricos e as primeiras publicações infantis começaram a ter um grande desenvolvimento graças a popularização da imagem e a intensidade da linguagem gráfica utilizada pelos autores desse momento histórico, que aproveitavam as vantagens oferecidas por este novo canal de comunicação de massa.

Analisar as recreações gráficas de Verne, contemplar com olhar crítico e, ao mesmo tempo, fomentar a criatividade dos alunos, são atividades que podem não só completar leitura dos textos, mas também ajudar a refletir criticamente sobre os mesmos.

Educação em valores

Integrados nas diversas áreas de conhecimento e nas relações interpessoais que se estabelecem na escola, os alunos trabalham diariamente na sala de aula uma série de valores que

os ajudam a crescer como pessoa e desenvolverem-se como seres sociais que são. Para além das muitas aplicações específicas que temos desenvolvido até agora, ao longo desta guia didática, os livros de Jules Verne são também uma escola de valores. Todas as aventuras mostram uma luta contra a injustiça, uma preocupação em preservar a amizade, uma defesa daqueles que são fracos, uma denúncia da opressão e da falta de liberdade.

Mostrar aos alunos esses valores e fazê-los pensar sobre o seu significado é algo que não só os ajudará a compreender melhor os livros que leram, mas principalmente, irá ajudá-los a crescer como pessoas. A seguir estão alguns dos valores que poderiam ser trabalhados em sala de aula a partir da leitura dos livros.

Do racismo a multiculturalidade

O mundo em que Verne viveu foi um mundo que hoje qualificaríamos de racista; negar esta evidência seria uma deformação da realidade em que o autor francês viveu e de alguns aspectos que aparecem nos seus romances.

É inegável que a Europa do final do século XIX estava muito deficiente de alguns aspectos de nossa atual percepção da diversidade de raças e culturas que existem no planeta; para o europeu de então, há mais de dez décadas existia uma cultura superior: a do homem branco ocidental e, abaixo, uma série de povos inferiores que deveriam ser colonizados (os povos africanos, as tribos americanas do norte e do sul) ou dos quais deveria se defender (o Império Otomano ou os enigmáticos orientais).

Mas apesar de tudo isto até agora, classificar Verne como sendo racista seria uma imperdoável simplificação; Verne é o filho de seu tempo, mas em muitos de seus romances, há nuances emocionantes que permitem leituras mais complexas do que simplesmente reducionistas.

Talvez o seu olhar não seja tolerante nem multicultural, mas é um

olhar vivo, ansioso para aprender com os outros. Mais de que os detalhes específicos de muitos de seus romances, é nessa atitude aberta ao mundo que nós encontramos valores que podem assumir a proposta de uma leitura excitante.

A amizade

Raramente os personagens de Verne viajam sozinhos pelo mundo; um parente, um empregado e, na maioria dos casos, um amigo - por vezes, duas destas coisas ocorrem em uma única personagem-acompanham os protagonistas em suas viagens extraordinárias.

Hans, um indivíduo parco em palavras, acompanha até o coração do planeta com professor Lidenbrock e seu sobrinho Axel em *Viagem o centro da terra*; Ned Land, o professor Aronnax e o fiel Conseil sofreram e desfrutaram juntos o cativeiro no Nautilus, que viajou *Vinte mil léguas sob o mar*; *A ilha misteriosa* é, entre outras muitas coisas, um hino à amizade e à capacidade que os indivíduos têm para ajudar uns aos outros. E assim tantos e tantos exemplos.

Praticamente não há romance de Verne sem uma intensa relação de amizade, chegando a ser, até mesmo, a espinha dorsal da história.

A leitura das aventuras de uma gangue de jovens naufragos em *Dois anos de férias* nos mostra um dos motivos principais, as tensões que surgem entre um grupo de meninos de uma escola que se vêem obrigados a conviver por muito tempo em meio a condições extremas.

Só a amizade, generosa e desinteressada, os permitirá sobreviver e superar as muitas dificuldades que vão encontrar.

O aluno da escola primária conhece a importância que tem a amizade em nossas vidas.

Ler Verne é proporcionar que este tema surja em sala de aula e gere um território de reflexão de onde os alunos possam integrar suas experiências vivenciais com as leituras das obras do francês ●

A ciência na aventura lunar

Pasqual Bernat

Publicadas originalmente em fascículos sucessivos no *Journal des débats* e separadas entre si por quatro anos, *Da Terra à Lua* e *À volta da Lua* estão entre as obras mais representativas dos romances de antecipação científica.

Alguns anos depois de ter publicado a primeira, aparece a continuação do drama da Lua que é considerada por muitos uma história aborrecida e cheia de descrições, sendo o relato que nos dá a conhecer o final da missão do Gun Club, assim como uma completa digressão pelas paisagens lunares. Conhecer a Lua lendo a história de Verne converte-a numa leitura obrigatória.

Sobre o autor



Pasqual Bernat (Barcelona, 1958)
pbernat@xtec.cat

É Doutor em História da ciência pela Universidade Autónoma de Barcelona e membro da Sociedade Catalã Jules Verne. Já escreveu numerosos artigos sobre a história da ciência e atualmente está a começar uma investigação sobre a obra verniana e as suas relações com a ciência do século XIX.

Viajar até à Lua foi sempre um sonho coibido pela humanidade ao longo da história. A Lua e o espetáculo do céu noturno tem sido uma constante fonte de inspiração de artistas e literatos.

Durante o século II, o escritor grego Luciano de Samosata escreveu uma narração sobre uma viagem fantástica à Lua e ao Sol. Ariosto (1474-1533), no canto XXXIV do seu poema *Orlando Furioso* (1516), faz com que Astolfo viaje à Lua na companhia do apóstolo João, de Enoque e de Elias. Francis Godwin (1562-1633) escreveu a obra *O homem na Lua*, ou *Relato de uma viagem por lá por Domingo González*, na qual o protagonista, um cavaleiro de Sevilha, chega, graças a um grupo de gansos, a uma Lua habitada por seres hospitaleiros e afáveis. Cyrano de Bergerac (1619-1655) em *O outro mundo*, ou *Os Estados e Impérios da Lua* faz com que o protagonista chegue à Lua graças a um bálsamo de medula de vaca, substância que segundo o autor é fortemente absorvida pelo satélite terrestre.

Já no século XIX, Edgar Allan Poe (1809-1849) com *Uma Aventura sem paralelo de um certo Hans Pfall* e Alexandre Dumas pai (1803-1870) com *O universo ilustrado e Uma viagem à Lua* são os antecedentes literários mais próximos de *Da Terra à Lua* de Jules Verne, obra que difere de todas as anteriores pois nela aparece o rigor dos conceitos científicos.

Antes de começar com a análise dos conteúdos científicos da aventura lunar de Verne vejamos resumidamente o argumento. A narrativa começa com a apresentação do pitoresco *Gun-Club*, uma associa-

O presidente da Sociedade Catalã Jules Verne chega com uma interessante análise sobre a ciência nas obras lunares, qual o seu papel nelas e alguns dos pontos que as fazem ainda interessantes depois de muitos anos.

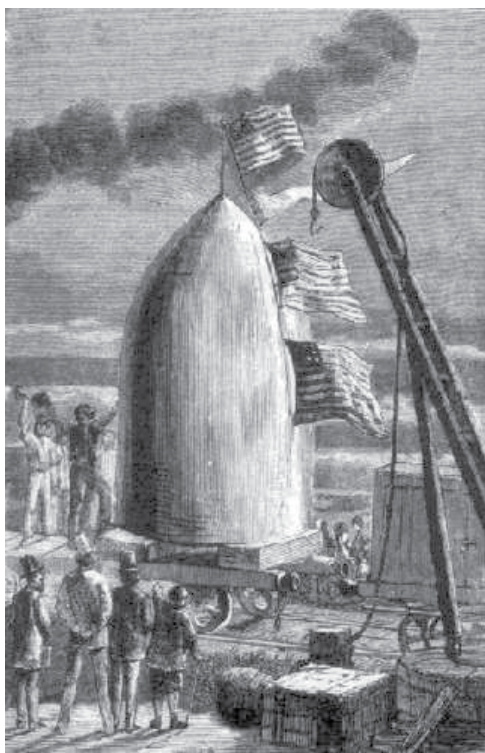
ção norte-americana de antigos artilheiros ociosos pela inatividade que representou o fim da recente Guerra da Secessão. Os artilheiros abatidos pelo tédio passam o tempo recordando os bons tempos. De repente, este estado de letargia muda radicalmente. Impey Barbicane, presidente do clube, irrompe com uma proposta que aumenta os ânimos de todos os sócios: ir à Lua com uma bala de canhão. Sem duvidar da viabilidade do projeto, os membros da sociedade põem mãos à obra e começam a desenhar o projétil, o canhão que irá lançá-la e o telescópio que seguirá a trajetória da bala.

Todo o país se mostra entusiasmado com o projeto. Só um homem, o capitão Nicholl, um perito construtor de placas para blindagem de navios e rival de Barbicane, se opõe. Seguindo a lógica do antagonismo entre projétil e blindagem, Nicholl dedica-se a atacar o projeto do *Gun-Club* com todo o tipo de argumentos.

Quando os preparativos do lançamento já estão muito adiantados, recebem um telegrama de um aventureiro francês, Michel Ardan, anunciando a sua vontade de viajar até à Lua no interior do projétil. Depois de um intenso debate sobre a possibilidade de enviar homens ao espaço e de se terem feito diversas provas, o projétil é

disparado indo no interior os antigos rivais –agora reconciliados– Barbicane e Nicholl.

Desde o observatório construído nas montanhas Rochosas, J. T. Maston, o secretário perpétuo do *Gun-Club*, e uns quantos sócios, seguem a trajetória da bala. No iní-



Os preparativos do lançamento da bala numa das ilustrações do livro publicado por Hetzel.

cio as nuvens não deixam ver nada e perde-se o rasto da nave. Quando finalmente as condições de visibilidade melhoram, descobre-se que o projeto foi retido pela atração lunar e orbita como se fosse um satélite à volta da Lua. A novela finaliza com a incerteza do futuro dos cosmonautas. Apenas J. T. Maston acredita no regresso à Terra dos seus audazes companheiros.

O suspense não se desvendou até 1872 com o aparecimento da segunda parte, *À volta da Lua*, que relata as peripécias dos três tripulantes em torno do satélite e do seu regresso à Terra. Os leitores inteiram-se que a aproximação de um meteorito ao projétil foi a razão do desvio da sua trajetória levando a orbitar em torno da Lua. Os astronautas, depois de numerosas peripécias nas quais chegaram inclusive a observar a face oculta da Lua, voltam a ser alvo de perturbações de um novo meteorito que modifica o rumo da nave permitindo o seu regresso à Terra. Finalmente, os nossos protagonistas amararam no Pacífico, a uns quatrocentos quilómetros da costa californiana, num local onde casualmente se encontrava um barco que os pode resgatar. O relato termina com o passeio triunfal dos viajantes pelos Estados Unidos.

Um dos elementos mais notáveis e que melhor caracteriza a obra de Verne é a sua proximidade à Ciência. O objetivo científico é claro na maioria das suas obras e obedece a uma vontade do escritor que desde os inícios literários havia construído o que ele mesmo nomeou como «obra da ciência». Tratava-se de introdu-

zir o conhecimento científico num contexto literário onde a aventura e as peripécias dos protagonistas, frequentemente conduzidos ou acompanhados por uma personagem com uma sólida formação científica, conseguiram aquilo que o próprio Jules Hetzel, editor de Verne, afirmava: «ensinar entreterendo».



A gravidade como um dos elementos da ciência nas obras lunares do escritor francês Jules Verne.

Na expedição lunar de Verne este objetivo é plenamente alcançado. A narração está recheada de conteúdos científicos e constantemente nos apercebemos de uma vontade pedagógica e divulgação explícita. Verne sempre se documentava e se aconselhava muito cuidadosamente antes de escrever as suas obras. No caso da viagem à Lua pediu a ajuda aos matemáticos Joseph Bertrand e

do seu primo Henri Garcet, professor de matemática no liceu Henri IV de Paris, uma das instituições francesas onde se preparavam os exames de acesso aos centros superiores que forneciam as elites do Estado francês.

Os conteúdos científicos da história vão aparecendo de forma gradual, atribuindo as informações ao observatório de Cambridge ou aos artilheiros. Assim, no caso das condições de lançamento, Cambridge informou que seria necessário uma velocidade superior a 12 000 jardas por segundo (uns 11,2 km por segundo) para que um objeto conseguisse escapar do campo de atração da Terra. É um cálculo ideal já que não se tem em conta a passagem do objeto pela atmosfera. Verne tinha consciência da ação da atmosfera mas minimiza-a fazendo Barbicane afirmar que, com uma velocidade de 12 000 jardas por segundo, o projétil atravessaria a atmosfera em menos de cinco segundos, tornando a ação da atmosfera «insignificante».

A informação de Cambridge continua com dados relativos à órbita da Lua e da distância entre esta e a Terra.

Após cálculos minuciosos conclui-se que o projétil demoraria a chegar à Lua, 4 dias, 1 hora, 17 minutos e 20 segundos. Cambridge aconselha que a distância percorrida pelo projétil seja a menor possível. Por isso, o lançamento terá que se efetuar verticalmente no preciso momento em que faltem à Lua 4 dias, 1 hora, 17 minutos e 20 segundos para chegar ao zénite. A fim de melhorar o lançamento, o observatório informa que este terá que estar entre o 28º de latitude norte e o 28º de latitude sul. É

assim pois o eixo de rotação da Terra está inclinado 23°27' em relação ao plano da eclíptica, e a órbita da Lua faz um ângulo de 5° com este plano. Apenas entre estas latitudes se pode conseguir um lançamento vertical do projétil até à Lua, se se escolher o momento adequado. Nos Estados Unidos, a península da Florida e o sul do estado do Texas estão dentro desta franja de latitudes. Verne, depois de encenar a rivalidade dos dois estados, situou o local do lançamento na Florida.

Verne teve que abordar também a questão do contragolpe do lançamento para tornar a sua narração verosímil.

No lançamento, o projétil sairia do canhão com uma aceleração 26 000 vezes a da aceleração da gravidade na superfície terrestre. Isso significaria que os nossos astronautas ficariam fulminados no momento do lançamento. Verne tentou resolver este problema criando um sistema complexo, feito com tábuas de madeira e água depositada no fundo da bala com o objetivo de atenuar o golpe desta enorme aceleração.

Apesar desta solução não resolver o problema, há que reconhecer o esforço de Verne em superar, de uma forma fundamentada, este obstáculo.

A sobrevivência dos viajantes no interior do projétil era assegurada mediante uma série de dispositivos engenhosos.

A respeito da respiração, Verne, depois de explicar detalhadamente a mecânica do intercâmbio de gases produzida nesta função fisiológica, chega à conclusão que a tripulação necessita consumir uns 2 400 litros de oxigénio por dia.

A regeneração do ar faz-se com procedimentos químicos e graças

a um aparelho idealizado por Reiset e Regnaut em que aquecendo a 4 000 °C o clorato de potássio se obtém oxigénio. Com uns recipientes com hidrogénio de sódio pousados no chão do projétil absorva-se o dióxido de carbono. Com estas reações



O projétil sai do canhão com uma aceleração de 26 000 vezes a aceleração da gravidade na superfície terrestre.

químicas consegue-se o equilíbrio gasoso que garante a normal respiração dos astronautas. Para que não haja nenhuma dúvida, Verne testou este sistema antes da descolagem. É então quando J. T. Maston passa alguns dias asilado no interior do projétil fechado hermeticamente e com o dispositivo químico ativado. O resultado: Maston sai são e salvo mas com uns quilos a mais devido à sua inatividade.

Não deixa de ser surpreendente ao leitor que muitas das provisões de Verne são exatas: a trajetória do projétil, o seu peso e altura; o projétil que é lançado desde a atual localização

do Cabo Canaveral; o telescópio que tem que seguir a sua trajetória e que está situado no mesmo lugar no qual se encontra agora o Monte Palomar; o diâmetro do telescópio é praticamente idêntico com uma diferença de centímetros; J. T. Maston submete-se a uma prova dentro do veículo, o que antecipa os treinos actuais dos cosmonautas; o cair no pacífico no regresso a Terra; e muitas outras previsões que tornariam esta lista demasiado grande. Esta verosimilitude fez com a narração se converta, apesar dos seus elementos fantásticos, num relato altamente crível. *Da Terra à Lua* foi publicada em capítulos no periódico *Le journal des débats*, com um inesperado êxito.

Quando se publicou o episódio em que Michel Ardan fez chegar ao *Gun-Club* o seu telegrama, chegaram ao jornal telegramas e cartas de leitores que se ofereciam como voluntários para ir também à Lua. Este feito é uma amostra do impacto que esta história causou na opinião pública francesa de então. Um interesse que na época se tornou extensivo ao resto da obra verniana e que hoje ainda continua vivo tanto entre os jovens como entre os adultos de todo o mundo ●

Bibliografia

- Clamen, M. *Jules Verne et les sciences. Cent ans ans après.* Belin, Paris, 2005.
- De la Cotardière, P. *Jules Verne. De la science à l'imaginaire.* Larousse, Paris, 2004.
- Navarro, Jesús. *Somnis de ciència. Un viatge al centre de Jules Verne.* Alzira. Edicions Bromera. Barcelona, 2005
- Verne, Jules. *De la Terra a la Lluna.* Barcanova. Barcelona. 1992.
- Verne, Jules. *Al voltant de la Lluna.* Barcanova. Barcelona. 1993.

À procura de... Verne

Ariel Pérez

Sobre o autor



Ariel Pérez Rodríguez
(Santa Clara, Cuba,
1976)
arielpr@gmail.com

Licenciado em Ciências da Computação. Desempenha a função de informático na Empresa Nacional do Software em Cuba. Já trabalhou como administrador de rede, programador e desenhador de páginas Web em diferentes empresas desde há mais de dez anos. Desde 2001, é dono de um sítio na Web dedicado a Jules, que hoje é uma referência internacional. Já publicou imensos artigos que exploram aspectos da vida e obra de Verne em Espanha, México, Argentina e Cuba. É membro do Fórum Internacional Jules Verne. Em Agosto de 2007 fundou a revista digital *Mundo Verne* da qual é actualmente seu director e desenhador. Tem em processo editorial um livro de ensaio sobre o escritor francês. Já traduziu para castelhano muitos textos de Verne inéditos em espanhol tendo-os publicado no seu sítio.

Trabalha em casa na sua obra literária, convive desde há muito tempo com o seu companheiro de apartamento que tem um filho de cinco anos e que está a maior parte do tempo com eles. Além de Jules Verne, o seu escritor preferido, gosta de ler Dostoievski, Maupassant e Stanislaw Lec e tem um gosto apaixonado pela música clássica.

Nasceu há quarenta e quatro anos na cidade alemã de Bremen e é um dos principais investigadores nos círculos vernianos.

Graças ao seu trabalho de recompilação devemos-lhe a bibliografia do escritor francês no sítio de Zvi Har'El.

Este trabalho apenas é uma amostra de um mais detalhado que deve aparecer em breve. Os cinco volumes com as cartas de Verne devem-se a um trabalho em conjunto de dois reconhecidos especialistas. Publicou em 2005, lamentavelmente só em alemão, uma das biografias mais completas sobre Jules até à data.

O seu primeiro artigo referente ao tema apareceu numa revista, em 1977, mas as suas primeiras investigações de forma sistemática remontam a 1980. Ele é Volker Dehs e é o nosso convidado.

Para falar de Volker, teríamos que falar das suas investigações, da sua exatidão, da sua excelente memória, da grande quantidade de dados que possui, da sua paixão na procura de textos desconhecidos nas bibliotecas ou nos centros que dedicam os seus estudos ao autor das Viagens Extraordinárias. Para ele a investigação é o número um, o ponto de partida, de desenvolvimento e desenlace. Dedicar horas, dias e anos na busca do absoluto na matéria verniana.

Volker conta que o seu primeiro encontro com Jules foi aos seis anos enquanto, no seu ambiente, gozava de uma boa reputação como especialista em dinossauros. Via filmes na televisão, feitos a partir das obras de

Mundo Verne entrevista um dos grandes investigadores atuais da vida e obra do autor de Viagens Extraordinárias. Volker fala sobre o presente e o futuro da investigação em torno do tema e da sua paixão pelas pesquisas.



Um dos mais profundos investigadores vernianos, Volker Dehs, na sua casa.

Verne onde surgiam esses animais. Foi então quando se propôs a ler os citados livros, sempre à procura dos dinossauros... que nunca encontrou, é preciso dizer, na quantidade esperada. Porém, mantém o gosto pelos livros de Verne até aos dias de hoje. O humor e as descrições vernianas da Natureza, são os dois elementos que mais aprecia na sua relação com o escritor francês, que auto-classifica como um pouco excêntrica ou fora do normal. De Verne prefere O raio verde, Aventuras do magnífico Antifer, Viagem ao Centro da Terra e O Chancellor, sem esquecer os contos Uma fantasia do Doutor Ox e Fritt-Flacc.

Entre as adaptações cinematográficas prefere uma de 1981: Fitzcarraldo de Werner Herzog. Ainda que não seja uma adaptação no real sentido da palavra, encontra-se lá a obsessão do capitão Hatteras com a paixão de Castelo dos Cárpatos e a estrutura de A Jangada. Entre os seus bons momentos, de muitos que passou neste universo verniano, em mais de 25 anos, diz que o seu primeiro livro é sempre o mais importante e lembrado. No entanto, para um homem que deve ter tido poucos momentos desafortunados, conta com muita tristeza uma das suas maiores decepções e que está relacionada com uma colaboração recente com outro investigador verniano que não chegou a um feliz término acabando abruptamente.

O prestigioso investigador alemão aceitou compartilhar com os leitores alguns dos seus pontos de vista sobre o mundo verniano e da sua atualidade. Entrando no assunto de Verne e a sua aceitação, perguntei, como vê o futuro do autor? Será lido e procurado pelas futuras gerações?

Acredito que Verne se encontra entre os autores que serão sempre lidos pois as suas obras apresentam questões fundamentais sobre o homem e o mundo, sobre o seu comportamento na e com a Natureza. E além disso, a sua obra pode-se adaptar facilmente aos novos tipos de meios. Neste sentido e para justificar que Jules pode interessar aos leitores do século XXI, basta ler a obra *Fora dos Eixos* e se saberá que este escritor é um dos mais atuais.

Na sua opinião, que região geográfica do planeta leva o prêmio em relação às investigações ou estudos sobre Verne?

A comunidade francófona, sem dúvida, mas a Internet ajuda muito e, daqui em adiante, outras regiões também o farão.

Como vê a recepção de Verne na Ibero-América?

Sobre isso sei pouco, como da recepção do autor na Ásia ou Gronelândia. Mas tenho a impressão que os ibero-americanos têm uma relação muito emocional e sensível com Jules. Há vinte anos conheci em Paris, num hotel, um poeta chileno, Teodoro El-Saca, que acabava de publicar um livro de poesia, sendo uma delas dedicada a Verne e ao *Castelo dos Cárpatos*. Apesar das diferenças de idiomas, entendemos bem e recordo sempre a forma muito direta e franca pela qual me falou sobre Verne, como se falasse de alguém próximo e que lhe fora muito querido.

Desde a década de 60, a descoberta dos manuscritos originais e de muitos textos inéditos veio impulsionar as investigações na área. Qual acredita ser o descobrimento que mais contribuiu para o conhecimento verniano nestes últimos tempos?

A colocação online dos manuscritos de Nantes (prevista finalmente para os finais deste ano, já com atraso devido a razões técnicas) e a publicação da correspondência de Verne com os seus editores.

Depois, a publicação de *Paris no*

sobre Verne (infelizmente nunca o conheci) e Cécile Compère do antigo *Centro de documentação Jules Verne*, hoje *Centro Internacional*. Ela fez muito pelos outros, por estimular as investigações em detrimento das suas próprias publicações.

O ensaio de Michel Butor sobre *Le point suprême dans quelques oeuvres de Jules Verne* que data de 1949 me parece o primeiro estudo sério sobre a obra de Jules. Vários estudos se inspiraram nesses textos que ainda não passaram de moda, ao contrário de muitos textos mais recentes que sim.

Edos investigadores contemporâneos?

Se responder, isso dará lugar a uma guerra de rivalidades, polémicas e quem sabe, de injúrias, e portanto não seria bom para ninguém. Também é certo que o campo é muito vasto: existem aqueles que se interessam apenas pela biografia, outros pela obra, bibliografia ou tradução, sem falar daqueles que, sem serem investigadores, animam os sítios na Internet e outros locais (em Nantes, Amiens e Yverdon). Todos têm um rol complementar e considero artificial e, portanto, improdutivo criar uma lista «o melhor de...» ainda que isso esteja na moda.

É um profundo investigador de Verne; gosta lê-lo ou prefere, por exemplo, a tradução ou outro trabalho relacionado com a temática?

A procura nos arquivos, nas bibliotecas, nos alfarrabistas é uma paixão. Acumulo os resultados, por vezes, durante muitos anos antes de começar a escrever sobre eles. Se lesse apenas as notas, convertia-me



Frente ao computador em trabalho e, no fundo, a sua vasta biblioteca.

século XX foi um tremor de Terra benfeitor.

Na sua opinião, quem foi o melhor investigador de Verne, vida e obra?

O maior, o mais rigoroso, o melhor... Não me atrevo a dizer quem é. Mas, estimo de forma muito pessoal Charles-Noël Martin que o foi o pioneiro da investigação biográfica

com certeza num violoncelista muito reputado... mas isso será para outra vida.

No passado traduziu para o alemão alguns textos de Jules Verne. Qual resultou ser o mais interessante que fez? E pode dizer, como tradutor de Verne, qual o texto que considera que pudesse ser o mais difícil para levar para outra língua?

Sem dúvida, *Aventuras da família Ratão* e *Fritt-Flacc* são os textos de Verne que considero mais interessantes. Em relação à segunda pergunta, sem dúvida, a obra de teatro *Os castelos na Califórnia* e o conto *O matrimônio do senhor Anselmo dos Tillos*, são os textos mais difíceis a traduzir pelos seus complicados jogos de palavras e voltas.

Tem a reputação de ser organizado nas suas investigações. Comportase assim com outros aspectos na sua vida?

Sim, onde for necessário. Ao contrário, a mesa e o quarto onde trabalho sempre estão dispostos de uma forma que pode ser considerada caótica.

Recentemente, publicou um texto que mostra Verne como crítico de arte. Depois de ter lido esses seis artigos sobre a exposição de Paris, acredita que ele teve sucesso nesse papel?

Pessoalmente, considero o resul-

tado bastante decepcionante. De uma maneira geral, Verne não teria o talento analítico e crítico, e isso pode-se apreciar também nas entrevistas, na correspondência ou no seu estudo sobre Poe. Quando se lê o texto sobre o Salão de 1857, fica-se com a impressão que fez o trabalho de forma precipitada. Se bem que começa o texto com algumas piadas, o texto degrada-se cada vez mais e se perde em enumerações que não são de todo muito divertidas. Isso não quer dizer que não seja um texto importante para a investigação pelo seu próprio carácter deficitário.

Há 18 anos está a escrever uma importante bibliografia dos trabalhos de Verne. Quando pensa que estará pronta para publicação? Há algum editor interessado?

Sim, tenho o editor desde há oito anos, ao menos que a esta altura tenha perdido o interesse. Um trabalho deste tipo não pode jamais ser algo definitivo ou exaustivo porque sempre se encontrarão coisas novas, mas antes de publicá-lo quero ter a convicção subjetiva de estar contente e de ter feito o máximo que podia. Esse momento chegará, creio, na primavera ou verão de 2009. Sem ser profeta, acredito poder dizer que o livro será publicado em 2010.

O nome desse trabalho é Catalogue

raisonné... ou seja, Catálogo fundamentado das obras de Verne para os nossos leitores lusófonos. Porquê esse nome de «fundamentado»?

É um termo especial que se aplica a este género de publicações que pretendem seguir uma ordem sistemática e metódica.

Quais são os seus projetos em curso para o futuro no que respeita à publicação de artigos ou livros sobre Jules Verne?

Durante algum tempo, tive a intenção de deixar Verne para os outros e não ocupar-me mais da sua obra oficialmente, mas esse é um projeto que se tornou irrealizável.

Ouvi notícias da formação de um grupo que terá a seu cargo a edição crítica de um volume com as obras de Verne conhecida como Corpus vernien. Participa nesse projeto?

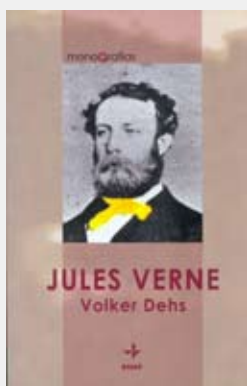
Há uma equipa de cinco ou seis pessoas, entre elas eu, que se vão ocupar de um primeiro grupo de 5 obras para conhecer melhor as dificuldades do projeto ou para propor, por assim dizer, os modelos que mostrem aos colaboradores futuros as condições de trabalho e o nível que é necessário respeitar.

Limitamos esse trabalho inicial, primeiro que nada, a nós, visto que ainda estão por resolver muitas questões: em primeiro lugar, as financei-

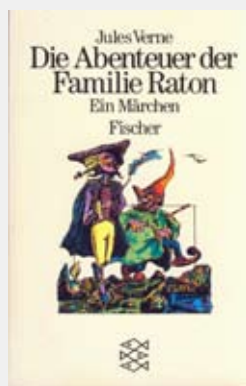
Os livros que Volker publicou relacionados com a temática Verne



Jules Verne. Reinbek: Rowohlt 1986, 158 p.



Jules Verne. Tradução espanhola do livro de 1986. Madrid EDAF. 2005, 230 p.



Jules Verne: Die Abenteuer der Familie Raton. Ein Märchen. Frankfurt a.M.: Fischer 1989, 89 p. Tradução alemã. Ilustrada.



Jules Verne: Aventures de la famille Raton. Paris: Société Jules Verne 1989, 56 p. Edição francesa. Ilustrada.



Jules Verne: Un Fils adoptif. Paris: Société Jules Verne 2002, 48 p. Edição comentada, com ilustrações.

ras; depois as técnicas e jurídicas. É importante não se ter ilusões e ver se os resultados desses ensaios são positivos para continuar com o projeto que necessitará de alguns anos e muitas colaborações. Daqui a dois conhecerão-se os primeiros resultados.

Volker, se o nomeassem, por exemplo, presidente da Sociedade Jules Verne, que era a primeira coisa que faria?

Dar esse posto ao vice-presidente. Sinceramente, é um lugar que não me interessa, não estou preparado para esse género de atividades. Prefiro a investigação e deixar a direção das instituições a outros. Acredito que seria necessário haver reformas, não apenas cosméticas, a essa querida e velha dama que gosto tanto apesar do todo o mal que muitos falam dela.

Ao chegar a este ponto da conversa na que Volker respondeu amavelmente a todas as minhas perguntas, decidi lançar-me mais a fundo e investigar, à minha maneira, dentro da biblioteca de um investigador que pode ter, como muitos outros, novas cartas dentro da manga que esperam o momento apropriado para serem lançadas sobre a mesa.

Volker, de entre todos os documentos disponíveis na biblioteca de Amiens ou Nantes, qual era o que gostaria de compartilhar com o público?

*Létron et le dévoiement*¹, uma pequena fábula ao estilo de la Fontaine, por vezes escabrosa e muito moralista, uma pequena jóia ainda inédita. Existem ainda um bom número de

1 É interessante falar do sentido destas palavras. *Étron* é um pequeno acumular de fezes fecais de forma consistente como as que produzem, por exemplo, os cães, os seres humanos, etc... No caso de *dévoiement*, é o sentido das fezes fecais num estado bem mais líquido, como a que se produz quando se está doente do estômago. Pode-se então imaginar o porquê desta poesia não ter sido publicada na época. É importante e, por sua vez, curioso, ver como um texto inédito de Verne completamente desconhecido, pode tratar de um tema vinculado a questões moralistas dentro da sociedade: as fezes sólidas que são orgulhosas e burlam das miseráveis fezes líquidas, devem misturar-se com estas últimas quando, durante uma tempestade, a água num fosso transborda e as põem, por assim dizer, em igualdade de condições quando se misturam. Isto faz recordar o tema de uma fábula de La Fontaine bem conhecida em França. Neste caso, este texto pode ser comparado em relação à censura, quiçá, ao da poesia *Lamentations d'un poil de cul de femme*. Apenas adicionar que os manuscritos de que forma parte o poema referido na entrevista, não foram ainda publicados por falta de autorização.

textos inéditos e muitos outros por encontrar.

E de entre todas as coisas desconhecidas que puderam ter sido escritas pela mão de Verne, qual é a que queria encontrar um dia no meio das suas investigações?

O texto intitulado *Confitebor*, opúsculo sobre o primeiro campo-nês francês segundo a primeira biografia de Charles Lemire e cuja existência parece mítica. O que também me agradaria muito seria a aparição de um quarteto a cordas, de preferência na menor ou mi bemol maior. E se o manuscrito estivesse dedicado «a Volker», ficaria literalmente encantado!

Depois de ter partilhado com os leitores desta publicação a «notícia em primeira mão» sobre os textos inéditos de Verne e conhecer que ainda há muitas coisas por descobrir, qual é a sua mensagem, recomendação para todos aqueles que leem estas páginas?

Já que esta revista com grande entusiasmo existe, aproveitem para enriquecê-la com as vossas impressões, críticas e contribuições. As ideias novas só surgirão através do intercâmbio de ideias, por mais contraditórias e diferentes que sejam ●

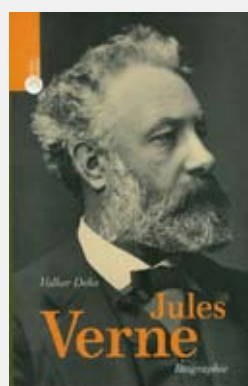
Os livros que Volker publicou relacionados com a temática Verne



Correspondance inédite de Jules et de Michel Verne avec l'éditeur Louis-Jules Hetzel (1886-1914). Tomo I (1886-1896). Genève: Slatkine 2004, 293 p.



Guide bibliographique à travers la critique vernienne 1872-2001. Wetzlar: Förderkreis Phantastik 2000, 438 p.

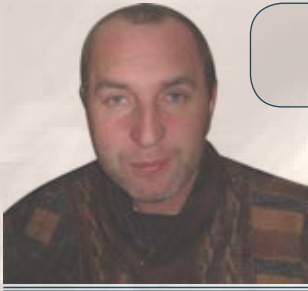


Jules Verne. Eine kritische Biographie. Düsseldorf: Artemis & Winkler 2005, 547 p.



Jules Verne. Stimmen und Deutungen zu seinem Werk. Wetzlar: Förderkreis Phantastik 2005, 367 p.

- Em 2005, Volker colaborou com Ralf Junkerjürgen para editar um volume em alemão com artigos acerca da obra de Verne.
- Juntamente com Piero Gondolo della Riva e Olivier Dumas publica, entre 1999 e 2006, cinco volumes com as cartas de Verne aos seus editores.
- A sua Guia bibliográfica de 2000 contém referências a textos em alemão e francês. Está prevista uma nova atualização deste livro.



São os da documentação. Esta secção foi aberta a todo o tipo de curiosidades e documentação sobre o escritor. Entre parênteses, os nomes dos «descobridores». Se não citados, são da própria inspiração de Tarrieu.

Alexandre Tarrieu (Amiens, França, 1978). Estudou Letras Modernas e Filosofia, sendo atualmente professor. Publicou o seu primeiro artigo sobre Verne aos 12 anos. É membro da Sociedade Jules Verne e do CIJV onde é administrador e secretário adjunto. É membro do Comité de Redação da *Reveu JV* na que já publicou artigos desde 1988. Também já publicou vários artigos em diversas revistas. Participou nas correções de obras biográficas. Lançou, em colaboração com Jean-Paul Dekiss e Philippe de la Cotardière, *Jules Verne de la science à l'imaginaire*, assim como *Jules Verne, le poète de la science* juntamente com Samuel Sadaune.

1

O *Bulletin de la Société Jules Verne* publicou, em 2006, *Les Fiancés Breton* descoberto por Volker Dehs. É certo que não se pode provar que o texto seja de Jules Verne, mas é importante destacar que uma das personagens se chama Eva. Contudo, em *Voyage à travers l'impossible* onde muitos dos personagens de Verne reaparecem, existe também uma Eva. Uma simples coincidência?

O campeão do mundo de xadrez de 1886 a 1894 chamou-se Wilhelm Steinitz (1836-1900). Era austríaco e ficou louco no final da sua vida, desafiou Deus oferecendo-lhe a vantagem de um peão. Jules Verne inspirou-se certamente nele (perante a proximidade dos nomes) para escrever a obra *O segredo de Wilhelm Storitz*.

2

O vulcão de ouro é uma realidade. Um cientista americano, Fraser Goff provou, em 1993, que o vulcão Galeras (Andes) lançava pepitas de ouro desde há 560 000 anos.

Ferdinand Brunetière (1849-1906) membro do comité de redação de *Magasin d'Éducation et de Récréation* de 1902 era também diretor da *Revue de deux mondes*. Crítico literário, oponha-se ao romantismo, simbolismo e naturalismo em nome do classicismo. Era muito hostil a Verne.



Jules Verne situa France-ville em *Os quinhentos milhões da Begum* nos 43° 11' 3" de latitude norte e 124° 41' 17" de longitude ao oeste de Greenwich, ficando em pleno oceano Pacífico, próxima ao Cabo de Arago. Jules Verne, admirador de Arago não selecionou esse lugar à sorte! (Jean- Yves Paumier, *Jules Verne voyageur extraordinaire*, Glénat 2005, p. 209).

5

Em *Kériban, o cabeçudo* (1/ XVII), Jules Verne copia palavra por palavra uma frase do relato da viajante Carla Serena (*De la Baltique à la Caspienne*, 1875) para falar de Abjasia, indicando a sua fonte.

Em 1888, encontramos numa obra de um certo A. Chevalier, *Les Voyageuses au XIXème siècle* (p.252), exactamente a mesma frase..

7

Em *Fora dos Eixos*, Jules Verne comete um erro no capítulo II ao escrever Willoughby por Willoughby (1510-1554) e data a visita do navegador à Nova Zelândia em 1739 em vez de 1553-1554.

O cerco a Roma*

O cerco

Jules Verne

Capítulo onde se descreve a situação real do cerco à cidade. Lições de tática militar, defesa e ataque na guerra. Sem muito avanço na trama principal, mas, sem dúvidas, válido para dar mais protagonismo ao contexto no qual ela se insere.

O Embaixador da França¹ em Roma havia perseguido as negociações de forma ativa; porém, encurralado pelas intrigas dos triunviratos, encontrava-se, quase sem sabê-lo, com disposições por demais republicanas para um poder tão revolucionário. Por isso, apresentou ao conselho de generais um tratado que não tinha nada de honrado para a França. O duque de Reggio, por sua vez, desconcertado pelas tortuosas eloquências diplomáticas, quis firmar o tratado de seu próprio punho e letra, quando a misteriosa influência de seu próprio gênio fez sentir sua dominação, aquela da qual não havia como se arrender.

O tratado foi rejeitado e a trégua se rompeu. A ordem de atacar chegou de Paris. Uma vez o armistício denunciado, correu pelo acampamento a notícia que o ataque começaria em 4 de junho. Os romanos deixaram-se prender e surpreender, pois as colunas francesas começaram a se por em movimento no dia 3 de junho, às quatro da manhã.

Roma era defendida por outras tropas que não eram romanas. O triunvirato Armellini, Mazzini e Saffi havia escolhido Garibaldi como seu general. Este aventureiro piemontês era dotado de imenso talento organizacional, criava saídas estupendas em meio às mais insuperáveis barreiras e disciplinava sem dificuldades os homens mais indisciplinados. Esse Fra Diavolo republicano, vestido em cores vivas e vestes dramáticas, dominava pelo terror e pelo prestígio. Suas tropas particulares eram

compostas por um regimento de lanceiros e uma legião de infantaria com seis mil homens. A seu redor se agrupavam os Lombardos – cujos jovens oficiais pertenciam às melhores famílias da Lombardia – os dois regimentos da União Romana, os dragões e carabineiros do Papa, a guarda civil que fazia o serviço no interior da cidade e, por último, os artilheiros suíços, os melhores atiradores da Europa, que vinham do cerco a Bolonha, de onde haviam detido, durante algum tempo, os austríacos. Deste modo, Roma se achava valentemente defendida. Seus arsenais estavam lotados de munições e cento e vinte peças de canhão mostravam-se em suas muralhas.

Não se sonhava sitiar a cidade, nem fazer com que se rendesse pela fome. O exército francês só contava com um efetivo de vinte mil homens nesse momento e era impossível cercar uma cidade de dezoito quilômetros de circunferência, ainda perfeitamente abastecida de mantimentos e munições. Quando a ideia do cerco foi afastada e a questão do ataque decidida, a discussão tratou sobre o tema do ponto de entrada, com a explicação das magníficas concepções do general Vaillant.

A nova Roma compreende toda a antiga, estendendo-se ademais sobre seus dois flancos. Uma das montanhas mais elevadas é o monte Janículo. Esta colina parece inexpugnável, está situada a direita do Tibre e domina toda a cidade. É defendida por uma muralha fortificada que vai desde a ribeira e o portal Portese² ao

forte Sant'Angelo. Mais além a intercepta a velha muralha aureliana, que forma por trás do cerco uma grande linha de trincheiras interiores, que vai desde o Portese até o portal San Pancrazio. Desse modo, esse lado de Roma, protegido por dupla muralha, é muito mais forte que a outra parte da cidade, rodeada somente pela velha muralha. Parecia mais natural, portanto, atacar por um dos pontos do flanco esquerdo. Entretanto, apesar da opinião da artilharia, o general Vaillant demonstrou que o ataque pelo flanco direito era mais lógico e seguro, apesar de mais extenso e difícil. Com efeito, as comunicações com o exército estavam asseguradas e, quando o Janículo fosse ocupado, a cidade seria tomada, uma vez que, dominada pelo inimigo, poderia ser castigada por suas bombas, enquanto que, uma vez franqueada a muralha esquerda, os soldados iriam levar os romanos a uma interminável guerra de barricadas e a um massacre. Por fim, seria necessário estar em acordo com os austríacos e napolitanos acampados a leste da cidade. Na França, fingia-se que a escolha do ataque pelo Janículo tivesse como principal propósito salvar os monumentos de Roma. A realidade era que não havia preocupação alguma com essas delicadezas arqueológicas, e atacou-se pela ribeira direita porque assim é que devia ser.

O general de artilharia omitiu-se à opinião do general Vaillant. Em caso

castelo, era de fundamental importância desde os tempos antigos até os tempos modernos. Tratando-se de um grande império como o Romano, que sempre esteve sob ameaça ou envolvido em grandes guerras, insurreições e golpes de Estado eram imprescindíveis. Por isso, com a construção dessas muralhas, essas vias de acesso à cidade estavam guarnecidas e bem cuidadas. De agora em diante, todas as notas são do tradutor, a não ser que se especifique o contrário.

* Tradução do francês por Ariel Perez. Extraído do livro *San Carlos et autres récits inédits*, publicado por Le Cherche-midi éditeur, Paris, 1993.

1 Ferdinand de Lesseps (1805-1894) que, mais tarde, deveria construir o canal de Suez inaugurado em 1869 pela imperatriz Eugênia.

2 Os Portais de Roma, situado em sua maioria nas muralhas da cidade, serviam basicamente para a estratégia militar e para controlar o acesso à cidade em tempos normais. Eram fundamentais em casos de crise de saúde pública, quando ocorriam epidemias e pandemias, como as pestes. Cercar a cidade com muralhas, como se fossem um imenso

de desacordo, o general-em-chefe teria voz preponderante. Sonhava-se também em se apoderar do forte Sant'Angelo. Essa era a opinião de Louis Napoleão Bonaparte, presidente da república francesa, que por ter morado durante muito tempo em Roma, devia estar bem informado. Segundo ele, os romanos somente acreditariam na derrota com a ocupação desta fortaleza. Não obstante, este projeto foi rechaçado e, finalmente, devia-se escolher o ponto de ataque sobre o Janículo.

Um princípio geral é atacar por uma saliência³ e não pela frente. E abrir uma brecha primeiro, em um bastião na cortina⁴ que reúne os bastiões⁵, uma vez que estes se flanqueiam mutuamente e, ao cruzar seus fogos, deixam inacessíveis as proximidades da cortina. Deve-se igualmente atacar o mais distante possível dos portais que facilitem a saída. Mas, afinal, qual seria a posição?

A ponta do Janículo é uma saliência, ladeada por dois bastiões e defendida por uma meia-lua, numa espécie de entrincheiramento à frente da cortina, e dominado por ela. Apesar de sua força, essa saliência foi escolhida como o ponto de ataque. Está situada a igual distância dos portais Portese e San Pancrazio, que estão separados um do outro por sete bastiões.

Enquanto isso, os romanos não haviam permanecido inativos durante a trégua. Eles construíram enormes barricadas na cidade, de modo que todas as ruas de entradas foram interrompidas por fossos e bloqueadas com escavações revestidas de grades, e banquetas para os artilheiros. Por ordem do general Vaillant, um coronel, um capitão e o corpo

3 Quando um lado da linha frontal se curva até o inimigo, forma-se uma saliência, ou seja, uma zona vulnerável pois pode ser atacada desde vários flancos.

4 Em termos militares, trecho de muralha que está entre dois baluartes.

5 Obra de forma pentagonal que sobressai no encontro de duas cortinas de muralha.

de engenheiros haviam saído a fazer um trabalho de reconhecimento dos muros de Roma. Encontraram o portal de San Pancrazio e as defesas vizinhas embarreadas e protegidas por sacos de terra. Havia feito algumas frestas sobre os muros, e no meio dessas pequenos cestos de vender frutas que os romanos haviam reunido aos milhares. Formidáveis baterias se elevavam sobre o monte Testaccio e sobre o Sant'Aventin, perto da igreja de Sant'Alessio. Essa igreja está situada na margem esquerda do Tibre na altura do portal Portese. O Testaccio é uma elevação de cento e vinte pés de altura, formada por uma considerável quantidade de velhas olarias amontoadas, e se ergue quinhentos metros ao sul do monte Sant'Aventin. Os terrenos que o exército francês ocupava se inclinavam para a margem. Essas diversas baterias iriam, portanto, ser esmagadas sem obstáculos.

Pouco a pouco, os romanos armaram quatro bastiões. O primeiro, que ficava à direita do portal de San Pancrazio, na saída da cidade, e os três que se sucediam à sua esquerda. Os dois últimos estavam localizados exatamente na saliência do Janículo, e os primeiros ataques deveriam ser dirigidos contra eles. O espaço compreendido entre a muralha fortificada e a velha muralha aureliana foi completado por trincheiras e tomado por trabalhos de defesa. Algumas novas baterias, diante da igreja de São Pedro, em Montorio, vieram a apoiar-se no velho muro, e dali os romanos poderiam destruir seus próprios bastiões, caso esses fossem capturados de assalto pelo inimigo. À esquerda dessas baterias, a cem metros do portal San Pancrazio, erguia-se a casa na qual Garibaldi havia estabelecido seu quartel-general.

Tratava-se de assegurar a linha de ataque, e para isso, ocupar as duas extremidades. Faltava então apoderar-se da meseta que se situava junto ao Janículo, e que devia ser cercada. No lado esquerdo desse planalto se en-

contravam as magníficas vilas Pamphili, Valentini e Corsini, e a igreja de San Pancrazio. Na extremidade direita, erguia-se o Monte Verde. Entre esses dois pontos, a meseta Corsini e o Monte Verde, devia desenvolver-se a linha de ataque, num trecho de aproximadamente mil e trezentos metros. Ao norte da meseta Corsini estavam acampadas as tropas de Mattei. Ao sul do Monte Verde, as de Santucci, o quartel-general. Dessa forma, as operações de cerco, perfeitamente regulares e matemáticas, estavam concentradas sobre os pontos salientes do Janículo e compreendidas entre a rota de Civitavecchia e a via Portuense. Monte Verde estava situado somente a uns oitocentos metros de San Carlo, onde estava acantonado o corpo de engenheiros.

Era sobre esse terreno acidentado, com alguns caminhos interceptados, coberto de barracas de campanha, cheio de grandes vinhedos e hortas, que deviam ser executados os magníficos movimentos do cerco, dirigidos pelo general Vaillant. O ataque começou com a eliminação das tropas de vanguarda.

Em 3 de junho, às três da manhã, a brigada do general Jean Levaillant, dirigida pelo comandante do corpo de engenheiros Frossard, adiantou-se para ocupar a meseta sobre a qual se elevam as três vilas: Corsini, Valentini e Pamphili. Nesta última, os romanos, ocupados com a bebida, foram surpreendidos pela chegada dos franceses. Por meio de uma bolsa de pólvora, os artilheiros fizeram uma brecha nas paredes da muralha. O efeito dessas explosões é prodigioso, sendo necessária apenas uma bolsa de oito quilogramas de pólvora, sobre a qual se repousa uma pedra, uma prancha, um corpo qualquer, a fim de se concentrar a ação para destruir-se um portal com dez centímetros de espessura. Os franceses deslizaram pela brecha e os romanos foram repelidos a golpe de baioneta. A explosão havia dado o alarme, a defesa se organizava, os voluntá-

rios lombardos se retiraram até as vilas de Corsini e Valentini. A brigada francesa se lança à carga e invade dois novos pontos, mais próximos da praça. Porém, de forma rápida, as baterias do portal de San Pancrazio os castigaram a golpes de balas e obuses. Os franceses se viram obrigados a evacuar as vilas e os lombardos regressaram intrepidamente. Quatro vezes se tomaram e retomaram essas posições. O general Regnault Saint-Jean-d'Angely luta como um simples soldado, e ao ver a hesitação de uma companhia, dispôs-se a arrastá-los até o combate. Enfim, às cinco, a Corsini é tomada em definitivo, mantendo-se em poder dos franceses que se estabeleceram tão solidamente que não mais se preocupavam com o canhão da praça. O ponto de partida das operações à esquerda, a meseta Corsini, estava, portanto, ocupado.

Durante esse tempo, resolveu-se apoderar do Monte Verde, que deveria assegurar o ponto de partida dos trabalhos à direita. A companhia do primeiro regimento do corpo de engenheiros, da qual Annibal formava parte, abandonou San Carlo às três, comandada pelo capitão de Jouslard e chegaram a uma casa situada a setecentos metros do acampamento e a seiscentos metros da praça. Esta casa era composta por um pavimento térreo, com escadaria de pedra que levava a um piso com seis janelas que se voltavam a Roma. Era chamada de a casa das janelas verdes. Ali os franceses se entrincheiraram. Annibal tinha como encargo ocupar uma pequena casa sobre a direita, que dominava o vale do Tibre e deixava ver uma parte de Roma.

Depois de haver posicionado suas sentinelas, apossou-se da casa e, seguido por seu segundo tenente, pretendia fixar-se no primeiro piso. De repente, uma bala de canhão atravessou a habitação e cobriu-os de escombros.

- Estás ferido? -- perguntou Annibal.

- Não - respondeu seu camarada.

- Então, vamos!

Desceram precipitadamente e, junto com os soldados, refugiaram-se atrás da casa. As baterias do Monte Aventin e de Testaccio troavam sem cessar e os escombros choviam sobre os homens de Annibal, que em vez de olharem para cima a fim de se esquivar deles, os recebiam estupidamente sobre as cabeças. O tenente os chamou de avestruzes, mas ao ver que a posição não poderia ser defendida por muito mais tempo, abandonou a casa, deixando uma sentinela de guarda e retornou à casa das janelas verdes. Todas as edificações por trás da linha que unia as vilas à casa das janelas verdes caíram em poder dos sitiadores. A ocupação do patamar Corsini e do Monte Verde também asseguraram a linha de ataque que deveria cobrir a ponta do Janículo.

Para enganar os assediadores e ocultar por mais tempo o conhecimento do ponto ameaçado, o general-em-chefe enviou as tropas acampadas em Ponte Molle sobre a parte oposta da vila. Entretanto, os romanos construíram no ângulo do bastião mais próximo do Monte Verde uma bateria que, na manhã de 4 de junho, abriu fogo contra a casa das janelas verdes. O capitão de Jouslard, que a ocupava, ordenou que seus soldados se refugassem atrás dos muros. No momento em que Annibal descia pela escadaria, uma bala acertou, em pleno peito, um oficial de marinha que seguia a campanha como aprendiz, um soldado foi atingido na cabeça e outro teve a mão quebrada. Quando os romanos nada viram, acreditaram que a casa havia sido evacuada e cessaram fogo.

Esses combates isolados, necessários para a ação no cerco do Janículo, cobraram vidas humanas. Duzentos e oitenta homens e catorze oficiais foram as baixas do dia. Muitos desses desgraçados, ao cair, suplicavam a presença de um sacerdote, mas morriam sem consolo ou orações. Os orçamentos de guerra, que che-

garam aos trezentos e cinquenta milhões, não bastaram para pagar um capelão.

Haviam passado as ações comparativamente mais mortíferas. Roma deveria ser matematicamente tomada e sem grande derramamento de sangue. Uma pequena casa diante de San Carlo se converteu em ponto de reunião. Ali havia um ambulatório, assim como em Pamphili e na igreja San Pancrazio, e dois hospitais de campanha ainda existiam, um em Monte Mario e outro em Santucci, quartel-general.

Por fim, as trincheiras se abriram.

Para alcançar sem perigo a muralha de uma cidade sitiada, deve-se cavar paralelamente aos muros uma fossa profunda, de seis a sete pés, em que se amontoe a terra do lado inimigo. Essa trincheira deve ser suficientemente larga para dar espaço aos veículos de artilharia, de tal sorte que as baterias possam estabelecer-se nos pontos necessários. Enquanto que a primeira paralela⁶, do mesmo modo, é escavada normalmente a mil metros do local, perfuram-se galerias externas que avançam até a cidade, para escapar da visão dos pontos mais perigosos. Depois, traça-se uma segunda e uma terceira paralelas, que se estreitam cada vez mais até o ponto de ataque. Entende-se, desde então, que as baterias, sucessivamente mais próximas, possam aproveitar de forma útil as brechas. Ir-se a um lugar perigoso, assim, é escavar um fosso de maneira que não seja alcançado pelos projéteis que partem desse lugar. Em uma palavra, se trata de traçar uma perpendicular a essas linhas de tiro. Dessa forma, se explicam esses múltiplos zigue-zagues que apresentam as galerias e trincheiras, que em suas marchas se afastam, se desviam, regressam, avançam, retrocedem e por suas curvas propositadas fazem frente a todos os pontos perigosos.

6 No âmbito militar e de fortificações, chama-se paralela a trincheira com parapeto que o sitiador abre paralelamente às defesas de uma praça.

Para o serviço de trincheira o corpo de engenheiros se dividiu em três brigadas, sob as ordens de um oficial, compostas por mil e duzentos trabalhadores e mil e quinhentos homens de guarda. O general Rostolan, com o restante das tropas, ficou a cargo do centro de operações, a fim de sustentar os pontos ameaçados.

O contorno da primeira paralela se mostrava desde a igreja de San Pancrazio até a pequena casa que fora ocupada por Annibal, e tinha uma extensão de mil e trezentos metros. Dividiu-se o ataque em duas frentes: a da esquerda foi confiada ao comandante Galbaud Dufort e ao capitão Boissonet; a da direita deveria ser dirigida pelo comandante Goury e o capitão de Jouslard.

Desde que a noite de 4 para 5 de junho cobriu, com trevas favoráveis, a cidade e o acampamento, os trabalhadores, com pás e picaretas e um fuzil às costas, alcançaram silenciosamente a casa de janelas verdes e foram distribuídos sobre o traçado da paralela, plano que havia sido discutido anteriormente com os membros do corpo de engenheiros. A uma ordem, cada trabalhador golpeava o solo, cavava um buraco no qual se instalava, o aprofundava, ampliava e prolongava com a mais estrita ordem e completa segurança. Durante esse tempo, as tropas de Ponte Molle, como treino, simularam um ataque pelo portal Del Popolo. Um propósito atrevido e uma empresa perigosa era a de traçar essa paralela a tão pouca distância da praça, posto que alguns pontos do caminho não distam mais de duzentos metros. Porém, o habilidoso general Vaillant sabia que inimigos enfrentava. Sua prudência era ao mesmo tempo atrevida e astuta.

A artilharia começou imediatamente a posicionar suas baterias. A primeira, construída diante da casa de janelas verdes, deveria se contrapor à bateria do bastião que flanqueava à direita da saliência do Janículo; a segunda foi montada na extremidade direita da paralela, a fim de res-

ponder vigorosamente às baterias do Testaccio e do Monte Aventin. Protegidas por um parapeito no qual se armaram duas linhas, a primeira com duas peças de 16 e um obus, a segunda com duas peças de 24 e um obus, puderam abrir fogo intenso a partir da manhã de 5 de junho.

Durante a noite se cavaram as trincheiras, que foram ocupadas durante o dia e, ainda que o fogo dos romanos fosse intenso, os soldados se acostumaram facilmente a escapar das balas, que passavam por cima de suas cabeças. Fora isso, tinham poucos perigos a correr. Logo os sitiados se deram conta de que as tropas de infantaria eram trocadas regularmente as quatro da tarde e durante a madrugada. Dirigiram então seus canhões sobre as brigadas que chegavam ou saíam das trincheiras. Para evitar esse perigo construiu-se, na noite de 5 para 6 de junho, um caminho coberto atrás da paralela, que se conectava ao ponto de reunião, de maneira que os soldados puderam dedicar-se, sem problemas, a seu trabalho.

Henri, ainda retido no ambulatório de San Carlo, sofria por seu ferimento. Seu sangue, quente pela emoção e pelo desespero, irritava sua ferida e a impedia de cicatrizar. Enquanto não estivesse de serviço, Annibal passava todo o tempo a seu lado. Henri não duvidava de que o bravo Jean Taupin houvesse sido vítima de sua devoção e os sonhos febris que ele alimentava, continuamente, na recordação da obre louca, falavam-lhe também do desafortunado soldado.

- Ele veio até aqui para morrer!
- dizia Henri.

- Não - respondia o tenente -
ele caiu para vingar-te!

A confiança parecia não se apoiar do coração do jovem capitão, que se retorcia de dor em sua cama.

Os trabalhos de ampliação continuavam sem cessar. Agora, as baterias romanas tinham vigorosos adversários, que as ocupavam e

respondiam incessantemente. A artilharia se ocupou em selecionar a localização das baterias destinadas a castigar as brechas, construindo uma terceira no trecho médio da paralela, a uns duzentos e vinte metros da praça. Era composta por morteiros próprios para lançar bombas até os bastiões e foi armada durante a noite de 7 para 8 de junho. Ao mesmo tempo, à direita da paralela, fez-se um pequeno rodeio, de maneira que ela pudesse estar fora do alcance do Testaccio e do Monte Avenin. As galerias intermediárias, que deviam conduzir o caminho da segunda paralela, serpenteavam até a praça. Os trabalhos foram interrompidos como consequência das tempestades; entretanto, sua boa execução lhes garantia a continuidade.

Para amortizar o contínuo fogo dos romanos durante o dia, os caçadores de Vivienne se posicionaram na igreja de San Pancrazio, em Corsini e nas trincheiras. De mais de seiscentos metros, esses admiráveis atiradores matavam os artilheiros romanos através de estreitos vãos. Suas carabinas, montadas com rara perfeição e dotadas de uma escala graduada que calcula instantaneamente o desvio das balas para cada alcance, lhes permitia vencer distâncias incríveis. Esses hábeis soldados não tardaram a ser esmagados sobre os escombros da Corsini, e fez-se uma trincheira atrás desse ponto, de onde se pudessem atirar ao abrigo de um canhão da praça.

Durante a jornada de 9 de junho, até as oito da noite, os sitiados tentaram sair pelo portal San Pancrazio. Uma espécie de barricada insólita, feita de tonéis que rolavam diane deles, lhes permitiam apossar-se dos vinhedos, de onde iniciaram um mortal tiroteio. Entretanto, uma espantosa tempestade os forçou a regressar a Roma.

Os movimentos continuaram pelas noites seguintes. Certas ocasiões, os planos não foram seguidos ao pé da letra, e as trincheiras encurraladas,

por vezes, pelas baterias do Vaticano, em outras pelas das muralhas, eram completamente destruídas. Porém, os bravos soldados não desanimavam. A noite seguinte lhes permitia reparar o erro e a cidade, sem o saber, se encontrava cada vez mais apossada.

Os trabalhos foram quase todos executados por escavações⁷ volantes⁸. Os trabalhadores tratavam de empurrar diante deles alguns gabões cheios de terra, e atrás desse breve abrigo cavavam seus buracos e neles se escondiam, enquanto os estendiam. A escavação plena⁹, que se faz com couraça e casco mineiro, não foi suficientemente rápida para suas impaciências.

Na noite de 10 para 11 de junho, a marcha foi detida por um muro. Era no formato de uma meia lua, como havia previsto o general Vaillant, e defendia a cortina situada entre os dois bastiões, contra os quais se concentrava o ataque.

A artilharia, por sua vez, não havia permanecido inativa; na noite de 8 para 9, próximo aos morteiros, se havia construído uma quarta bateria situada a cento e setenta e cinco metros da praça, que deveria abrir a brecha no bastião da direita.

Durante a noite de 10 para 11, uma quinta bateria se ergueu a cento e vinte e cinco metros para rodear o flanco direito do bastião da esquerda. Por fim, à direita da vila Corsini, foi destinada uma sexta bateria para combater o flanco esquerdo do mesmo bastião.

7 Escavação de galeria subterrânea ou à flor do solo.

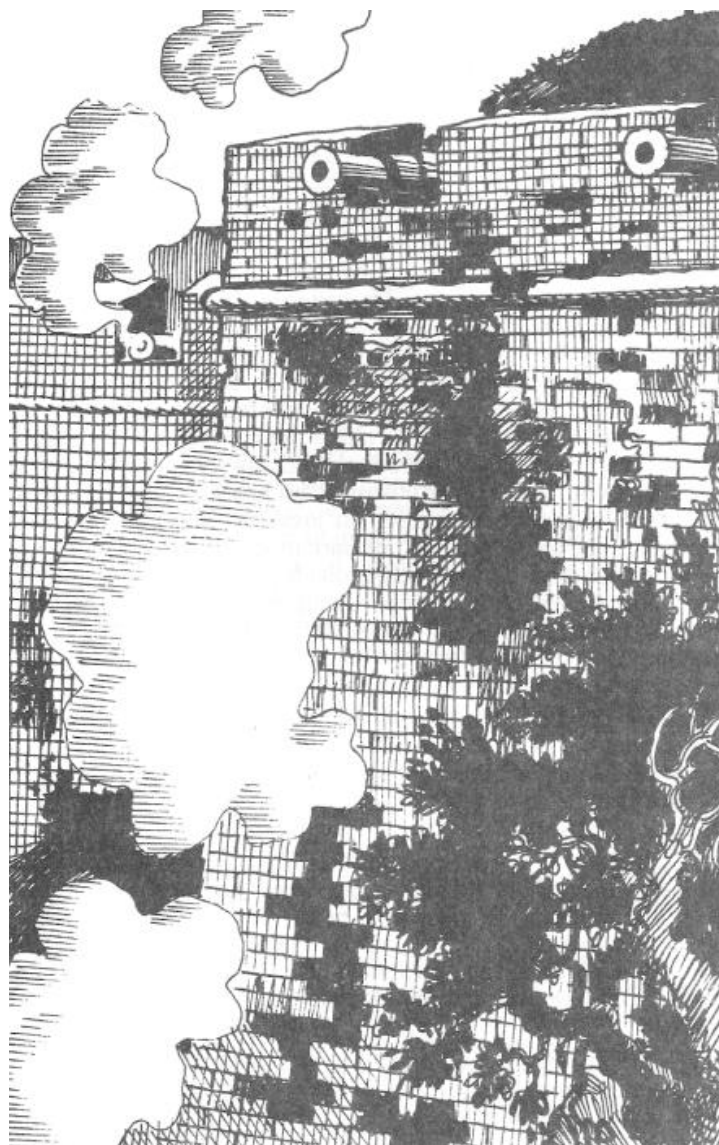
8 Colocava-se uma fila de cestos cheios de terra escavada que servia de proteção ao trabalho de escavação das trincheiras. As baterias da primeira trincheira podiam ser levadas em parte ou totalmente para a segunda, a fim de romper fogo a menor distância da fortificação inimiga.

9 Para o caso da escavação plena, em vez de um trabalho simultâneo, realizava-se um sucessivo, marchando à frente uma furadeira num carro com duas rodas e uma lança para manejá-lo, e atrás dele ia-se formando a «cestonada».

O posicionamento das três baterias de brecha foi detido e elas não chegaram a ser armadas por causa dos caminhos intransitáveis. Deste modo, as operações de cerco se conduziam de forma matemática e só podiam levar, portanto, a um resultado positivo.

À uma da madrugada, os sitiados lançaram um enorme ataque contra a ponte de Passera. Este foi contido a tempo e alguns golpes de canhão não tardaram em sufocá-lo.

Em grande parte, se havia chegado à segunda paralela. A partir da saliência de meia lua havia-se ido a toda extensão do pequeno muro da esquerda. O trabalho foi realizado de forma tranquila. Nada podia prever um próximo ataque dos romanos, e a noite se destacou pela tomada de oitenta veículos de munições, víveres e vinho – dos quais se apoderou o general Morris a frente de sua cavalaria – e um batalhão de infantaria. Entretanto, às oito da manhã, quatro companhias do regimento da União, que haviam avançado cobertas pelo muro em meia lua, saltaram sobre uma trincheira da qual se apoderaram momentaneamente. O tiroteio se desencadeou entre essas tropas e o 55o de linha. Henri Formount, que



mesmo ferido não descansava, excitado por essas detonações próximas, foi ao local de encontro e combateu como um herói, um louco, um desesperado ao lado do coronel do corpo de engenheiros Niel, que dirigia a defesa.

Durante três quartos de hora de luta, seu braço não cessou de golpear. Finalmente, os romanos, que deixaram uns quarenta na praça, recuperaram a cidade e os trabalhadores, depondo seus fuzis negros de pólvora, retomaram os trabalhos de ampliação.

Na noite de 12 para 13 de junho, a segunda paralela completamente terminada tornou-se praticável às tropas artilheiras e, segundo a promessa do general, as três baterias de brecha e a bateria de morteiros se prestaram a abrir fogo ●

A Pierre, final de outubro de 48*

Jules Verne

Continuamos com a publicação das cartas endereçadas a sua família e esta, de final de outubro de 1848, em que fala a seu pai do dinheiro que necessita para poder sobreviver na capital e aproveita a ocasião para dar detalhes da sua vida parisiense.

[Quarta-feira] 27 outubro de 1848¹

Meu querido pai:

Esta não é uma carta de despedida de ano, porque estaria chegando muito cedo. No entanto, será lida antes da morte deste infame 1848, que gostaria de enterrar o mais breve possível². Para que você não fique preocupado com minhas funções de cortesia³, em primeiro lugar, o meu objetivo para 1849: vou escrever para o meu tio Chateaubourg e a meu Tio Auguste. Levarei milhares de coisas para a família Tronson. Por outro lado, desejarei um feliz ano novo em Provins, enviando cartas especiais. Eu acho que isso é tudo que me resta a fazer! Minha tia Charuel ainda não chegou ao campo, e isso é sério.

Te digo, de forma confidencial, meu querido pai, que de bom grado teria mandado presentes para minhas irmãs, mas não sei como enviá-los. Sinto uma grande pena, mas vejo que não há nenhuma maneira. Se você pudesse dar-lhes alguma coisa em meu nome, uma coisa simples, me faria um imenso prazer! O senhor vai pensar no assunto, não é assim, meu querido pai?

Enfim, as cartas não custarão mais do que 4 soles⁴. É ganância dos correios.

A propósito, esqueci-me que eu deveria escrever para

* Tradução do francês por Ariel Pérez. Extraída do livro *Jules Verne*, escrito por Olivier Dumas e publicado por La Manufacture, em Lyon, em 1988.

1 No canto superior esquerdo, Pierre Verne rascunhou uma conta que somava um total de 150 francos. Essa seria, efetivamente, o montante da nova pensão de Jules. Eis o texto:

Casa	35	
alimentação	75 b	2,50
suplt de	25 e	7,50
	117,50	22,50
	140	10 diversos

2 O ano do casamento de Herminie.

3 Cortesia se interpreta como «política» em *L'Echo de la Loire*.

4 Em outubro de 1848, se tinha avisado ao povo que, a partir de 1 de janeiro de 1849, o imposto postal seria ajustado para 20 centavos por carta. Na mesma data, foram postos em serviço os selos postais.

a avó e para meu tio Prudent. Vou fazer um pacote com todas estas cartas para envia-las ao senhor. Acho que é o melhor que posso fazer.

Minha saúde é boa, só me queixo das cólicas de vez em quando, como se fossem os últimos relâmpagos de uma tempestade. Três refeições por dia me fazem muito bom efeito. E um pouco de carne na parte da manhã. Como já disse, isto aumenta o custo com os alimentos: aumenta-se em 2,75 francos por dia. Não sei muito de multiplicação mas, são cerca de 2,75 por 30, pois existem alguns centavos. Quanto ao resto, as despesas têm aumentado. Além disso, faltarão os presentes de fim de ano do garçom e do porteiro. É por isso que eu gostaria de ter um pouco mais de dinheiro antes do dia 1 de janeiro de 1849. Por essa razão, gostaria que o senhor me respondesse assim que receber minha carta⁵.

Estou quase chegando ao final do meu exame. Sinto-me feliz porque, não sendo difícil, é muito chato. Só poderei presta-lo de 20 a 25 de janeiro e depois terei todo o tempo necessário para ter minhas férias.

Estou com pressa de terminar e a hora está se aproximando. Domingo, comi na casa do Sr. Braheire e lá li, no Correio de Nantes, sobre o desaparecimento do *Lutin*⁶ no mar. No dia seguinte, eu jantei com o senhor Championnière em sua casa, onde fui bem recebido, e com muitos convites para voltar. Eles são excelentes pessoas e sua filha, que a primeira vista, tem um ar um pouco duro, se comportou com uma amabilidade encantadora.

Adeus, meu querido pai, beijos para mãe, para as meninas, para todo o mundo. Dentro de três dias, uma carta oficial.

Seu filho que te ama,

J. Verne

5 Este parágrafo é resumido em *L'Echo de la Loire*, em uma frase: «Eu gostaria de ter um pouco de dinheiro antes do final do ano, porque queria dar prendas de final de ano ao porteiro e ao garçom.» A carta continua com um texto diferente.

6 O três mastros em que Paul Verne havia sido enviado como um aprendiz de piloto.

No próximo número de *Mundo Verne* poderá ler

Destacamos

A meteorologia nas obras de Verne.

José M. Viñas

Outros temas de interesse

- Cristian Tello analisará a obra *A estrela do Sul*.
- Como Jules Verne conquistou Portugal?
- O quarto capítulo de *O cerco a Roma*.

Mundo Verne